



UnB

| INSTITUTO DE ARTES

| DEPARTAMENTO DE DESIGN

**ZERANDO BRASÍLIA: LIVRO INTERATIVO/
GUIA DA CIDADE/ ÁLBUM DE MEMÓRIAS**

Laura Neto Moreira
10/0015093

Relatório de diplomação na habilitação
Programação Visual do curso de Design da
Universidade de Brasília, sob orientação
da Professora Doutora Fátima Santos.

Julho, 2016

Agradeço primeiramente à Prof. Dra. Fátima, por ter me orientado neste trabalho de conclusão de curso, pelas conversas e pelo carinho. À minha família e amigos pelo apoio, amor e opiniões, especialmente durante o processo de criação do Zerando Brasília e em todos esses anos de graduação. E a todos que, de alguma forma, colaboraram para a realização deste projeto.

RESUMO

Zerando Brasília é um livro interativo criado para diplomação na habilitação Programação Visual do curso superior de Design da Universidade de Brasília (UnB). Este livro tem o propósito de criar/estreitar os laços dos leitores/usuários com a cidade, aumentar o sentimento de pertencimento dos leitores/usuários que morarem na capital federal e ser uma forma divertida de explorar as várias faces da cidade. O gosto pessoal por editoração e por Brasília, o interesse acerca dos livros interativos e suas diversas áreas de aplicação e a vontade de mostrar que a cidade vai muito além do estereótipo da política foram as motivações principais para a escolha deste projeto. O relatório consiste em uma pesquisa acerca dos temas relevantes para o projeto, ligados a Brasília e os livros interativos, e a descrição do projeto gráfico do livro, por fim.

Palavras chaves: livro interativo, Brasília, história, diário, memória, design gráfico

ABSTRACT

Zerando Brasília is an interactive book created as a Graphic Design bachelor's degree project at University of Brasília. This book aims to create/ strengthen readers/users's bonds with the city, increasing the feeling of belonging of the ones who lives in Brazil's capital and an entreaining way to explorer the many faces of Brasília. The main motivations for choosing the theme for this project were personal apreciation for editorial and for Brasília, interesting about interactive books and a will to show that Brasília is much more than the political steriotipe. It is composed by a research about relevant themes related with the project, Brasília and interactive books, and a description of the book's graphic project, in the end.

KEY-WORDS: interactive books, Brasília, history, diary, memory, graphic design

ÍNDICE

RESUMO 3

ABSTRACT 5

1 INTRODUÇÃO 12

1.1 APRESENTAÇÃO 12

1.2 OBJETIVO PRINCIPAL 12

1.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS 12

1.4 JUSTIFICATIVA DO PROJETO 13

1.5 MÉTODO 13

2 REFERENCIAL TEÓRICO 14

2.1 CONTEXTO HISTÓRICO DA CRIAÇÃO DE BRASÍLIA 14

2.1.1 CORTE PORTUGUESA 14

2.1.2 REVOLTA DA VACINA 19

2.1.3 BRASÍLIA A CIDADE HISTÓRICA DAS AMÉRICAS 19

2.1.4 GETÚLIO VARGAS 21

2.1.5 MODERNISMO 21

2.1.6 GRANDES MUDANÇAS 23

2.1.7 VERA CRUZ 24

2.1.8 LE CORBUSIER 26

2.1.9 JK 26

2.1.10 CANDANGOS 29

2.1.10.1 IGREJINHA DA 307/308 SUL 31

2.2 BRASÍLIA MÍSTICA 31

2.2.1 MISTURA DO BRASIL COM O EGITO 31

2.2.2 DOM BOSCO 34

2.3 IPÊS 35

3 PESQUISA 38

3.1 OBJETIVO 38

3.2 FORMULÁRIO 38

3.3 RESULTADOS 38

4 LIVROS INTERATIVOS 41

4.1 O QUE SÃO 41

4.2 EXEMPLOS 41

4.3 KERI SMITH 43

4.4 ANÁLISE DO LIVRO 'ISTO NÃO É UM LIVRO' 45

4.5 ANÁLISE “WRECK THIS JOURNAL – EVERYWHERE” (DESTRUA ESTE DIÁRIO - EM TODO LUGAR, TRADUÇÃO LIVRE) 46

5 ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES DE BRASÍLIA 48

5.1 POESIA DE NICOLAS BEHR SOBRE BRASÍLIA 48

5.2 ANDAR PELA CIDADE 48

6 LIVRO OBJETO 49

7 PROJETO GRÁFICO 50

7.1 TAMANHO 50

7.2 COR 50

7.3 TIPOGRAFIA 51

7.4 CONTEÚDO 51

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS 52

9 BIBLIOGRAFIA 53

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Diário Oficial da União, 18 de janeiro de 1922	18
Figura 2 - Plano da Brasília cidade histórica da América	20
Figura 3 - Prédio do Ministério da Educação planejado por Lucio Costa	22
Figura 4 - Igreja da Pampulha em Belo Horizonte	22
Figura 5 - Plano da cidade de Vera Cruz	25
Figura 8 - Igreja Nossa Senhora de Fátima 307 sul	31
Figura 9 - Antigo prédio da CEB	32
Figura 10 - Pirâmide de Shakara	32
Figura 11 - Igreja Messiânica	33
Figura 12 - Igreja de Santa Cruz	33
Figura 13 - Ipê branco	37
Figura 15- Ipê rosa	37
Figura 14 - Ipê roxo	37
Figura 16- Ipê amarelo	37
Figura 17 - Exemplos de livros interativos	42
Figura 18 - Livro The Pocket Scavenger, Keri Smith	44
Figura 19 - Livro The Pocket Scavenger, por dentro	44
Figura 20 - Telas do aplicativo This is not an app	45
Figura 21 - Senhores reunidos em frente a banca de revistas jogando dominó	49
Figura 22 - Parte da cilcovia na quadra 204 sul	49

“Eu fiquei orgulhoso disso, fiquei satisfeito. É isto. Eles estão com a razão, eu é que estava errado. Eles tomaram conta daquilo que não foi concebido para eles. Foi uma bastilha. Então eu vi que Brasília tem raízes brasileiras, reais, não é uma flor de estufa como poderia ser, Brasília está funcionando e vai funcionar cada vez mais. Na verdade, o sonho foi menor do que a realidade. A realidade foi maior, mais bela. Eu fiquei satisfeito, me senti orgulhoso de ter contribuído.”

Lucio Costa 1987

1 INTRODUÇÃO

1.1 APRESENTAÇÃO

Brasília é uma cidade muito recente, com cultura ainda em formação e centro administrativo do país. Por ser o centro político e cenário de escândalos, gera informações e notícias polêmicas e acaba sendo mal vista por muitas pessoas. Ainda assim, é uma cidade que atrai vários tipos diferentes de turistas, os que vêm visitar algum parente, os que vêm com regularidade a trabalho, participantes de congressos e encontros ou atraídos pela arquitetura moderna e história interessante. Além dos turistas, muitos moradores não conhecem bem sua cidade, assim não criam laços ou sentimento de pertencimento com ela.

Com os avanços tecnológicos na área da fotografia e a criação de muitas mídias sociais, está sendo criado o hábito de tirar fotos constantemente, principalmente entre os jovens. Seja do cotidiano ou em eventos considerados especiais, como viagens. No entanto, muitas vezes as sensações e experiências que tornam esses eventos especiais são esquecidas enquanto os participantes se preocupam em filmar e fotografar. Possivelmente tais registros não serão vistos novamente.

Este projeto propõe, ao final, um livro interativo que incentive a apreciação do momento especial por meio não só das fotografias e vídeos, mas também das sensações, sentimentos e experiências, de modo que, ao completar todo o livro, este se torne um memorial de boas recordações do leitor/usuário com Brasília. Além de propor um olhar diferente sobre Brasília e suas diversas faces, a fim de passar uma imagem mais afetiva para os leitores/usuários do que é a cidade.

1.2 OBJETIVO PRINCIPAL

O objetivo geral deste trabalho de conclusão de curso é a **produção de um livro interativo que ajude a mudar a visão ruim e estereotipada sobre Brasília, que algumas pessoas de fora ainda carregam, e trabalhar o sentimento de pertencimento dos leitores/usuários que forem moradores da cidade para que estreitem os laços com ela.** Um livro interativo que sirva, também, de guia de Brasília para se conhecer mais a fundo a cidade. E, ainda, uma nova maneira de se pensar como registramos de forma física os eventos em nossas vidas.

Criar um livro que proporcione ao leitor/usuário uma experiência diferente na cidade e a possibilidade de guardar recordações das suas sensações e sentimentos sobre a capital do país de forma física e não só digital, além do álbum de fotografias.

1.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

1. Buscar informações sobre Brasília, sua criação, contexto histórico e peculiaridades.
2. Estudar sobre o uso de cor, hierarquia da informação, iconografia e outros concei-

tos do design gráfico para aplicação no livro.

3. Investigar e analisar os livros interativos destinados ao público jovem/adulto e suas diversas áreas de aplicação.

4. Explorar os fundamentos do design gráfico como ferramentas para a concretização do objetivo principal deste projeto.

1.4 JUSTIFICATIVA DO PROJETO

As motivações para estudar este tema são a curiosidade acerca da cidade em que moro, a popularização do livro interativo e a vontade de explorar e desenvolver os dois temas em conjunto, para criar um livro em uma categoria muito pouco explorada, além da motivação pessoal e gosto por Brasília e editoração.

Outro fator importante quando se trabalha com livros é analisar a transição de função dentro da cultura. Conforme já foi dito na introdução, vivemos em um mundo de avanços tecnológicos e aprofundamento da cultura digital e binária. Por outro lado, a produção de livros ganhou estatuto de arte. Hoje podem ser encontrados livros com projetos gráficos apurados, acabamentos diversificados, diferentes linguagens e diagramações. O livro passou a ser um objeto de desejo, item de coleção por seus elementos diferenciais e, também, começa a mesclar funções: livro objeto, livro diário, etc. Tais modificações fazem do livro um rico objeto de estudo e um grande espaço para experimentação de expressões gráficas.

1.5 MÉTODO

Início pela leitura sobre o contexto histórico da criação de Brasília, desde quando se começou a ideia de mudar a capital do Brasil para o interior, até os relatos dos candangos que construíram a cidade. Paralelamente, acontece a pesquisa por peculiaridades ligadas a Brasília e os passeios exploratórios a pé pelas entrequadras. Sigo com as pesquisas sobre livros interativos, com idas às maiores livrarias de Brasília, para análise de linguagem visual e análise de similares ao projeto. Em meio às leituras, surge a necessidade de saber como os moradores veem Brasília, e então faço uma pesquisa com formulário online para entender um pouco mais da perspectiva de alguns moradores. Uso toda a pesquisa prévia como inspiração para gerar conteúdo para o livro e para basear o projeto gráfico. A geração de alternativas para o livro Zerando Brasília aconteceu durante todo o processo, simultaneamente com outras etapas do projeto.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A leitura e pesquisa para o referencial teórico deste projeto foram feitas em diversos temas: contexto histórico da criação de Brasília, desde o início da ideia sobre a interiorização da capital até o governo de Juscelino Kubitschek, com os exemplos de planos pilotos desenvolvidos no decorrer dos anos; uma parte da história analisada pelo lado dos candangos que participaram da construção; os misticismos ligados à criação da capital e uma breve pesquisa sobre os ipês, árvores-símbolo de Brasília. Todos esses temas serviram de base para a geração de conteúdo do livro interativo.

2.1 CONTEXTO HISTÓRICO DA CRIAÇÃO DE BRASÍLIA

2.1.1 CORTE PORTUGUESA

A história da criação de Brasília tem suas raízes muito mais antigas do que muitos acreditam. Em 1807, Portugal era ameaçado de invasão pelas tropas francesas, a família real foge para sua colônia mais próspera em busca de abrigo e segurança. Sem tempo de preparar as cidades brasileiras para a chegada da família real e da corte portuguesa, e com as condições ainda precárias das cidades naquela época, havia duas possibilidades para D. João, rei de Portugal: construir uma cidade para ser a capital e abrigar a corte portuguesa, ou reformar o Rio de Janeiro, que era a capital administrativa do Brasil na época (por ser o principal porto de exportação). O rei optou por se instalar no Rio de Janeiro e adequar a cidade aos padrões da corte.

Escolha feita também sob influência do tratado feito com a Grã-Bretanha que previa proteger os navios portugueses na vinda para o Brasil, em troca da abertura dos portos brasileiros aos navios ingleses e de um tratado comercial entre os países. Já que o Rio de Janeiro está em uma posição geográfica muito privilegiada para os Ingleses, que já haviam tentado colonizar as terras que hoje são a Argentina e o Uruguai. Então o Brasil também estava sob influência Inglesa.

Apesar de não ser a opção adotada pelo rei, a presença da corte portuguesa no Brasil abre o debate sobre a possível construção de uma nova capital, até mesmo no interior do país. Segundo o historiador VIDAL (2009, p. 26) vários conselheiros de D. João VI, assim como o célebre jornalista exilado em Londres, Hipólito José da Costa, tomam posição a favor dessa tese, defendendo até a causa da instalação da capital no interior do território.

Como o interesse da corte portuguesa não era permanecer no Brasil, os investimentos no país e em especial na cidade do Rio de Janeiro foram feitos de forma pragmática para as necessidades da corte. O resto do país foi dividido em capitânias para que os donatários cuidassem dos terrenos, tirando a responsabilidade do governo português. Em pouquíssimo tempo, a colônia de exploração se tornou capital administrativa e política de Portugal, o que mudou a relação explorador/explorado, além da dinâmica social da nova capital em terras brasileiras.

nela estabelecer-se a futura capital federal.

Parágrafo único: Efetuada a mudança da capital, o atual Distrito passará a constituir um Estado

(VASCONCELOS apud VIDAL, 2009, p 109) ¹

Em maio de 1892, o Presidente general Floriano Peixoto mandou uma ordem para o ministro dos Transportes e Obras Públicas que institui por decreto a Comissão de Exploração do Planalto Central do Brasil, que seria dirigida pelo diretor do Observatório Astronômico do Rio de Janeiro, Luis Cruls (engenheiro de origem belga):

No desempenho dessa importante tarefa deveis proceder aos estudos indispensáveis ao conhecimento da posição astronômica da área a demarcar, da topografia, orografia, hidrografia, condições climatológicas e higiênicas, natureza do terreno, qualidade das águas que devem ser utilizadas para o abastecimento, materiais de construção, riqueza florestal, etc. da região explorada, e tudo o mais que diretamente se ligue ao assunto que constitui o objeto de vossa missão. (CRULS, 1995. p. 17/18)

Ainda, segundo CRULS, a comissão era composta por 22 homens, entre eles dois astrônomos, dois médicos, um farmacêutico, um botânico, um geólogo, um mecânico, seu auxiliar, ajudantes e um contingente militar para fins de proteção. Com duração de dois anos, a primeira parte da viagem foi feita de trem, do Rio de Janeiro até Uberaba, e de lá seguiram em animais cargueiros, levando com eles aproximadamente 206 caixas contendo todo o material necessário para a pesquisa, e também barracas, mantimentos e armas, pesando em um total aproximado de 9.640 quilos.

Ao fim da expedição, foi escrito um relatório detalhado, onde Luis Cruls reafirma a escolha do planalto central para a localização da nova capital (a comissão designava Brasília com o nome de “Vera Cruz”):

Convém notar que os autores que se têm occupado com este projecto são unanimes em considerar a zona onde têm os mananciaes os rios Araguaya, Tocantins. São Francisco, Paraná, isto é, sobre o Planalto Central, por cerca de 15º de latitude austral como sendo a mais vantajosa, sob todos os pontos de vista. (op. cit., p. 22)

Enquanto acontecia a pesquisa no planalto central, em 1894, a situação política do Brasil muda. Prudente de Moraes é eleito presidente da república e rapidamente diminuiu o orçamento destinado a Comissão Cruls e depois suspende os trabalhos de campo. Mais

¹ Para ler a constituinte de 1891 acesse <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/consti/1824-1899/constituicao-35081-24-fevereiro-1891-532699-publicacaooriginal-15017-pl.html>

Pelos anos seguintes, as ideias favoráveis à interiorização da capital continuaram a aparecer. Em 1810, Antônio Rodrigues Veloso de Oliveira, juiz e desembargador brasileiro, escreve uma monografia chamada: “Memória sobre o melhoramento da província de São Paulo – aplicável em grande parte as províncias do Brasil”, onde discute, entre outras propostas, uma reorientação de certos princípios da colonização para uma valorização mais eficaz do conjunto do território (op. cit., p 38) e Hipólito José da Costa continua a expor suas opiniões em prol da mudança da capital para o interior em artigos publicados em 1813 e 1818. Pensando em beneficiar classes diferentes, os dois autores concordam em um povoamento e desenvolvimento do interior do país, além da exploração de riquezas ainda desconhecidas. Também por uma questão de segurança e logística para governar o país inteiro de uma posição mais centralizada, propõe-se a saída da capital do litoral. H. José da Costa chega a sugerir a capitania de Goiás como localização da nova capital, por causa da riqueza do solo e grandes bacias hidrográficas.

O crescimento desordenado e a grande desigualdade social da então capital, Rio de Janeiro, também foram citados em prol da mudança.

A população da cidade era composta em dois terços por escravos negros. O medo de um levante de escravos, parecido com o de Haiti em 1791, é uma constante nas sociedades coloniais escravagistas das Américas no início do século XIX. (op. cit, p 45)

A perspectiva de alteração da capital já não era apenas física, depositava-se na ideia uma esperança de modernização, prosperidade comercial, desenvolvimento para um país que há pouco era colônia de exploração, e sonhava-se com as riquezas que encontrariam no interior. Afinal, já haviam encontrado minas de ouro e pedras preciosas em Minas Gerais.

Durante o período pós independência (que aconteceu em 7 de setembro de 1822) a questão da mudança da capital era muitas vezes debatida, até como um símbolo de ruptura com Portugal, e a discussão não se limitava aos políticos e ao Estado. Era um debate muito mais livre, feito pelos próprios cidadãos e a burguesia, que pensavam um novo governo e uma nova sociedade pós independência.

Mas foi só em 1889, com a instituição da República, que a transferência da capital se tornou algo mais concreto, ganhando espaço na pauta da Assembleia Constituinte e na constituição que começara a ser escrita. Após passar por vários esboços e reformulações, o artigo 2 e 3 da constituição promulgada em 24 de fevereiro de 1891, se refere à mudança da capital nos seguintes termos:

Artigo 2: Cada uma das antigas províncias formará um Estado, e o antigo município neutro constituirá o Distrito Federal, continuando a ser a Capital da União, enquanto não se der a execução ao dispositivo do artigo seguinte

Artigo 3: Fica pertencendo à União, no Planalto Central da República, uma zona de 14.400 quilômetros quadrados, que será oportunamente demarcada para

uma vez a criação da nova capital, pensada muitos anos antes, é adiada por causa de interesses políticos e da burguesia dominante. São Paulo, potência exportadora de café e estado natal do presidente, se coloca contrário a interiorização da capital, por não querer a abertura de um novo mercado no interior, e que essa região se desenvolva a longo prazo, ameaçando seus interesses comerciais. Muitos jornalistas paulistas escreveram contra a Comissão Cruls e a ideia da interiorização da capital. Domingos Jaguaribe, ex-deputado e proprietário do jornal O Município classifica o trabalho da Comissão Cruls como “fantasia realizada às custas dos contribuintes” e questiona os métodos e qualificação dos membros da comissão. (JAGUARIBE apud. VIDAL, 2009, p120). Também nessa época o principal rival comercial de São Paulo, Minas Gerais, decide demonstrar sua prosperidade, além de incentivar os investimentos e estimular o desenvolvimento do estado, com a criação de Belo Horizonte, uma nova capital símbolo da modernidade do estado.

Apesar dos contratempos e constantes questionamentos por motivos financeiros, a ideia segue em debate e com muitos apoiadores. Em 1922, para a comemoração do centenário da independência, o projeto prevendo a colocação da pedra fundamental da nova capital é aprovado. Em 18 de janeiro de 1922, o Presidente da República Epitácio Pessoa assina o decreto nº 4.494, onde os artigos 1 e 2 diziam:

Art. 1º A Capital Federal será oportunamente estabelecida no planalto central da Republica, na zona de 14.400 kilometros quadrados que, por força do art. 3º da Constituição Federal, pertencem à União, para esse fim especial já estando devidamente medidos e demarcados.

Art. 2º O Poder Executivo tomará as necessárias providencias para que, no dia 7 de setembro de 1922, seja collocada no ponto mais apropriado da zona a que se refere o artigo anterior, a pedra fundamental da futura cidade, que será a Capital da União.²

Finalmente em 7 de setembro de 1922 a pedra fundamental é colocada, no que seria hoje, Planaltina, em uma cerimônia com a presença de várias autoridades vindas do Rio de Janeiro. A pedra é composta por 33 blocos de concreto, simbolizando os 33 anos de República.

2 Para ler a constituinte de 1922 acesse: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1920-1929/decreto-4494-18-janeiro-1922-545132-republicacao-91197-pl.html>

figua a futura Capital Federal a logar em communicacão ferroviaria para os portos do Rio de Janeiro e de Santos, bem como das bases ou do plano geral para a construcção da cidade, communicando ao Congresso Nacional, dentro de um anno da data deste decreto, os resultados que obtiver.

Art. 4.º Para a execucao deste decreto fica o Poder Executivo autorizado a abrir os creditos necessarios.

Art. 5.º Ficam revogadas as disposicoes em contrario.

Rio de Janeiro, 18 de janeiro de 1922, 101.ª da Independencia e 34.ª da Republica.

EPITACIO PESSOA.

Voaquim Ferreira Chaves.

J. Pires do Rio.

DECRETO N. 4.537 — DE 31 DE JANEIRO DE 1922 (*)

Revoga o art. 5.º do decreto n. 43.627, de 28 de maio de 1919, para o fim de serem applicadas a construcção contractada com a Companhia Carbonifera de Urussanga as tabeellas que vigoram para a Companhia Brasileira Carbonifera de Araranguá

O Presidente da Republica dos Estados Unidos do Brasil: Fago saber que o Congresso Nacional decretou e eu sanciono a seguinte resolucao:

Artigo unico. Fica revogado o art. 5.º do decreto n. 43.627, de 28 de maio de 1919, para o fim de serem applicadas a construcção contractada com a Companhia Carbonifera de Urussanga as tabeellas que vigoram para a Companhia Brasileira Carbonifera de Araranguá, revogadas as disposicoes em contrario.

Rio de Janeiro, 31 de janeiro de 1922, 101.ª da Independencia e 34.ª da Republica.

EPITACIO PESSOA.

J. Pires do Rio.

ACTOS DO PODER EXECUTIVO

DECRETO N. 15.318 — DE 23 DE JANEIRO DE 1922

Approva os projectos e respectivos organogramas, na importancia total de 362.012.457 (trezentos e sessenta e dois contos doze mil quatrocentos e cincoenta e sete réis), para a construcção de 9 (nove) desvios da cruzada, com postos telegraphicos, nas linhas de S. Francisco a Porto União e Itararé ao rio Uruguay, de concessão da Companhia Estrada de Ferro S. Paulo-Rio Grande.

O Presidente da Republica dos Estados Unidos do Brasil, attendendo ao que, de conformidade com o estipulado na letra b, condicao 5.ª da portaria expedida pelo Ministerio da Viação e Obras Publicas em 21 de janeiro de 1921, requereu a Companhia Estrada de Ferro S. Paulo-Rio Grande, e de accordo com o que propoz a Inspectoria Federal das Estradas, decreta:

Art. 1.º Ficam approvados os projectos e respectivos organogramas, na importancia total de 362.012.457 (trezentos e sessenta e dois contos doze mil quatrocentos e cincoenta e sete réis), os quaes com este habvam rubricados pelo director geral de Expediente da Secretaria de Estado da Viação e Obras Publicas, para a construcção de (nove) desvios de cruzamentos, com postos telegraphicos, nos seguintes pontos das linhas de S. Francisco a Porto União e Itararé ao rio Uruguay, ambas de concessão da requerente:

a) na linha de S. Francisco a Porto União:

No kilometro 303.487, um entre as estações de Dugre e Tres Barras, orçado em 37.739.643 (trinta e sete contos setecentos e trinta e nove mil seiscentos e quarenta e sete réis);

No kilometro 338.600, um entre as estações de Caçador e Lagoa, orçado em 40.544.955 (quarenta contos quinhentos e quarenta e quatro mil novecentos e cincoenta e cinco réis);

b) na linha de Itararé ao rio Uruguay:

No kilometro 97.101, sul, um entre as estações de Fernandes Pinheiro e Itaty, orçado em 40.37.4198 (quarenta e sete contos oitocentos e setenta e quatro mil cento e oito réis);

(*) Reproduz-se por ter sido publicado com incorrecções.

No kilometro 163.263, norte, um entre as estações de Guarahyva e Rio das Mortes, orçado em 39.280.043 (trinta e oito contos duzentos e oitenta mil e quarenta e tres réis);

No kilometro 184.805, norte, um entre as estações de Fabio Rego e Rio das Mortes, orçado em 37.737.906 (trinta e sete contos setecentos e trinta e sete mil novecentos e seis réis);

No kilometro 204.462, sul, um entre as estações de Dorizon e Paulo da Frontin, orçado em 41.219.750 (quarenta e um contos duzentos e dezenove mil setecentos e cincoenta réis);

No kilometro 330.950, sul, um entre as estações de São João e Calmon, orçado em 38.266.813 (trinta e oito contos duzentos e sessenta e seis mil oitocentos e treze réis);

No kilometro 409.955, sul, um entre as estações de Rio Caçador e Rio das Antas, orçado em 45.052.277 (quarenta e cinco contos cincoenta e dois mil duzentos e setenta e sete réis);

No kilometro 511.436, sul, um entre as estações de Rio Bonito e Herval, orçado em 42.296.953 (quarenta e dois contos duzentos e noventa e seis mil novecentos e cincoenta e oito réis).

Art. 2.º A despeza que for effectuada com a construcção de cada desvio com posto telegraphico, até ao maximum do respectivo organograma ora approvedo, será, depois de devidamente apurada em regular tomada de contas, levada a conta das taxas adicionais a que se refere a portaria citada, de 21 de janeiro de 1921, conforme as suas condicoes 1.ª e 4.ª e nos termos da 16.ª.

Art. 3.º O prazo para a conclusão das obras deve ser fixado pela forma prescrita no n. 5 da condicao 13.ª e de accordo com a 6.ª e § 3.º da 8.ª condicao da alludida portaria, isto é, o chefe do Districto de Fiscalizacão, ouvida previamente a companhia, proporá a Inspectoria Federal das Estradas, quando for executada a construcção de cada desvio com posto telegraphico, o prazo que julgar conveniente.

Rio de Janeiro, 23 de janeiro de 1922, 101.ª da Independencia e 34.ª da Republica.

EPITACIO PESSOA.

J. Pires do Rio.

DECRETO N. 15.344 — DE 31 DE JANEIRO DE 1922

Publica a adhesão do Reino dos Servicos, Croatas e Eslovenos a Convenção postal universal e outros actos concluidos no 6.º Congresso Postal Universal.

O Presidente da Republica dos Estados Unidos do Brasil faz publica a adhesão do Reino dos Servicos, Croatas e Eslovenos a Convenção postal universal (Convenção Principal), ao Accordo relativo a permuta de cartas e caixas com valor declarado e ao Accordo relativo ao servico de vales postaes assignados em Roma a 26 de Maio de 1906, conforme communicou ao Ministerio das Relações Exteriores a Legação da Suissa na Capital, por Nota de 21 do corrente, cuja traducção official acompanha este decreto.

Rio de Janeiro, 31 de janeiro de 1922, 101.ª da Independencia e 34.ª da Republica.

EPITACIO PESSOA.

Azevedo Marques.

(Traducção).

Legação da Suissa no Brasil.

Rio de Janeiro, 21 de Janeiro de 1922.

N. 2.150|2.

Senhor Ministro,

Tenho a honra de levar ao conhecimento de Vossa Excelencia que o Conselho Federal Suizo recebeu da Legação do Reino dos Servicos, Croatas e Eslovenos na Suissa a seguinte nota datada de 9 de Dezembro de 1921:

«A Secretaria internacional da União postal universal em Berna, por sua carta de 8 de Agosto de 1921, communicou ao

Figura 1 - Diário Oficial da União, 18 de janeiro de 1922

2.1.2 REVOLTA DA VACINA

A cidade do Rio de Janeiro alcança níveis alarmantes de desigualdade social, a cidade cresce descontroladamente, há a proliferação de cortiços e aumento das favelas, sem uma infraestrutura higiênica decente. O então presidente, Rodrigo Alves, propõe um programa para renovar e sanear a cidade, também com interesse em futuros investimentos estrangeiros para o país.

O Presidente nomeia Francisco Pereira Passos como prefeito, e o encarrega da reforma econômica, higiênica e social. Várias obras começaram por toda cidade, como a modernização dos portos, construção de ruas e avenidas (ao custo de várias demolições e desapropriações de casas), arborização e embelezamento da cidade.

Também foi organizada uma campanha obrigatória de vacinação contra febre amarela, doença que havia se instalado no Rio há anos, aos encargos do médico Oswaldo Cruz. Com a mesma agressividade que o governo demoliu as casas de inúmeras famílias, os serviços sanitários entravam nas residências e vacinavam à força os moradores, muitas vezes acompanhados de força policial. A violência da campanha de vacinação foi a gota d'água para a população do Rio de Janeiro, em 15 de novembro de 1904 houve uma revolta popular. O historiador Vidal cita Sevcencko (SEVCENCKO apud Vidal, 2009, p 136) para demonstrar que a revolta popular não visava ao poder, não pretendia vencer e não podia ganhar nada. Era somente um grito de horror e indignação da população.

Era sobre revoltas deste tipo que vários autores já haviam avisado seus governos com textos em prol da mudança da capital. A partir dessa época surgem várias forças sociais populares que pressionavam o governo, tanto quanto a burguesia.

2.1.3 BRASÍLIA A CIDADE HISTÓRICA DAS AMÉRICAS

Em 30 de maio de 1930, o jornal 'A Ordem' publica uma monografia de 5 páginas sobre a interiorização da capital federal, escrita por Theodoro Figueira de Almeida, jurista especialista em direito público internacional, sob o pseudônimo Th. Emerson.

(...) como "um meio prático", ao mesmo tempo solene e majestoso, de atrair a atenção contemporânea, e especialmente dos nossos dirigentes, para o problema fundamental de nossa nacionalidade: a fundação da nova metrópole brasileira em um ponto equidistante do contorno territorial do Brasil, ou seja, o centro de irradiação do progresso nacional (...) (ALMEIDA apud Vidal, 2009, p 136)

O projeto de Theodoro, que não era urbanista nem arquiteto, exalta a nacionalidade brasileira, sua história, fatos importantes, sua ligação com o espiritual e reflete um pouco da visão da elite do período da República Velha. Provavelmente por isso, o projeto não é pensado para quem vai morar nessa cidade, mas principalmente como um símbolo nacional para o resto do país e do mundo.

O plano tem forma elíptica delimitando o espaço da cidade. São previstas nove praças, sete delas dispostas ao longo do formato da cidade e uma principal no meio, cada praça representa uma parte da história do Brasil, nomeadas na ordem cronológica e conectadas a praça principal (Praça da República). A nona praça ficaria na entrada Leste da cidade, que seria a Praça do Cruzeiro, representando o princípio espiritual do Brasil e da formação de Brasília. Segundo o autor do plano (ALMEIDA apud Vidal, 2009, p 136) a organização circular seria feita por dois motivos: acentuar o modo feliz pelo qual se opera a transição histórica e para insistir no espírito de organização, que a presidiu, e no qual o empirismo se converte, pelo sentimento de continuidade histórica, em um plano sistemático.

Prédios importantes tem sua localização prevista no projeto, como a universidade, palácio presidencial e ministérios, além de um parque. O autor também já prevê o nome de todas as ruas, deixando uma avenida principal sem nome, para ser uma homenagem ao presidente que implantar este projeto de capital.

Theodoro parece ter pensado em quase cada detalhe de sua metáfora/capital do país, esquecendo somente do cidadão que iria habitar esta cidade.

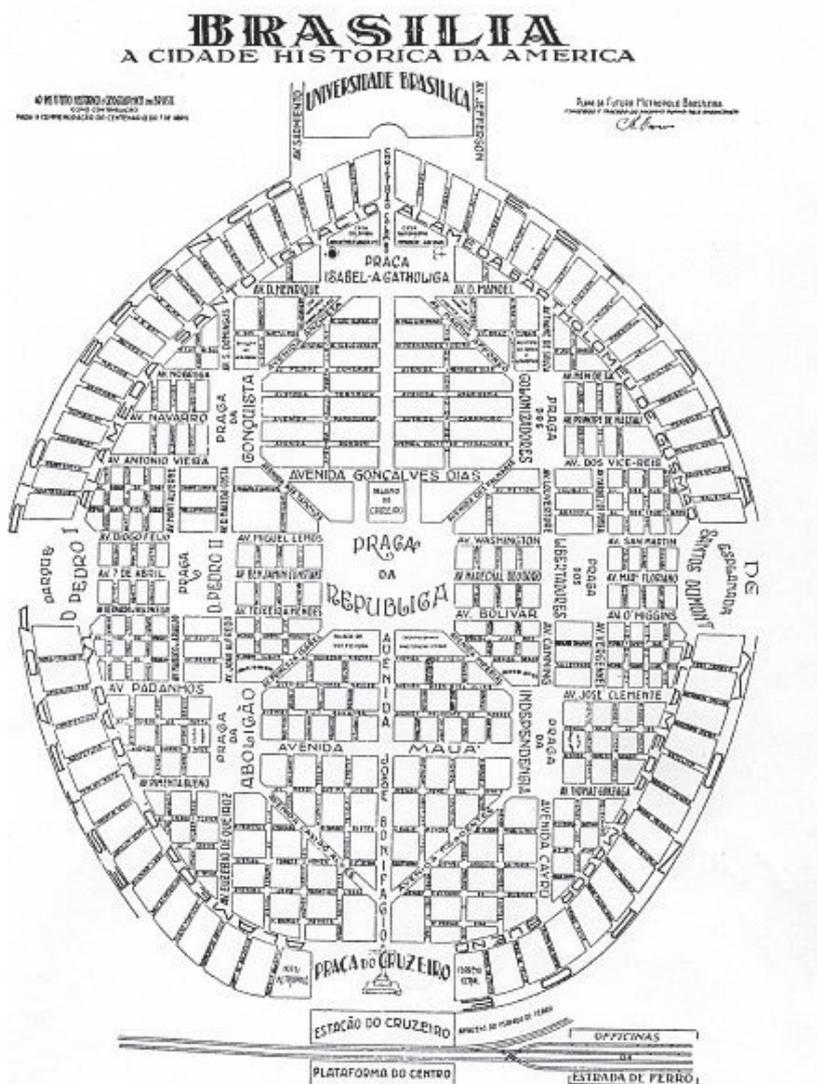


Figura 2 - Plano da Brasília cidade histórica da América

2.1.4 GETÚLIO VARGAS

No mesmo ano que Theodoro de Almeida expõe seu plano para a capital histórica das Américas, 1930, Getúlio Vargas assume a presidência do Brasil. E logo em 1933 incube a sociedade de geografia do Rio de Janeiro de produzir um estudo sobre uma nova divisão territorial do país, com fim de acabar com as organizações políticas locais e regionais, para minar seus interesses. Então o geógrafo Teixeira de Freitas apresenta uma proposta de divisão em 30 unidades e uma capital no interior do país.

Para a localização da futura capital da República, o ideal seria, sem dúvida, a transferência para ao retângulo do planalto central já demarcado e estudado para esse fim. Aqui, porém, dificuldades financeiras, econômicas e políticas(...) impõe hábil transigência, de forma a que todos os empecos desapareçam, e que nada de essencial se sacrifique no plano de integração do arcabouço político da nação. (FREITAS apud. Vidal, 2009, p 147)

Como um plano de emergência, é sugerido a mudança temporária da capital para Belo Horizonte e depois para o retângulo Cruls quando tivesse condições, e ainda sugere o nome Ibéria ou Lusitânia para a nova cidade. A proposta de mudar temporariamente é bem aceita, mas a divisão dos estados não, pois era muito próximo das realidades regionais.

A comissão Backheuser, sob direção do geógrafo Everardo Backheuser faz mais um estudo acerca do tema e a interiorização da capital surge com um dos tópicos do resultado, porém não o principal. A comissão reafirma o que vários outros autores já tinham dito sobre o assunto, a capital ficaria mais segura, traria uma grande e necessária mudança política e incentivaria o desenvolvimento do interior do país. Muitas das conclusões da comissão se tornou base para a geopolítica do governo.

Getúlio Vargas cria o IBGE em 1938 com a primeira missão de fazer um levantamento dos principais problemas do Brasil e dos meios para solucioná-los. Em meio a várias questões levantadas pelo IBGE, surge novamente, a interiorização da capital, pelos mesmos motivos já citados anteriormente. O IBGE classifica a interiorização como décimo quinto nível no ranking dos “objetivos essenciais do momento”, e concorda com Teixeira de Freitas em mudar a capital em dois momentos, primeiro para Belo Horizonte, depois para o Planalto Central. Ideias que foram os carros chefes do programa ‘Marcha para o Oeste’.

2.1.5 MODERNISMO

Uma das ideias de Getúlio Vargas para afirmar a modernidade brasileira e trabalhar a ideia na mente da população civil, era incentivar a construção de obras modernas em meio as cidades já existentes. Após ter feito um concurso, mas considerando os projetos inscritos insatisfatórios, Gustavo Capanema, ministro da educação, convida Lúcio Costa para fazer um projeto arquitetônico para o novo prédio do ministério, por ele ser o principal

representante da arquitetura moderna no Brasil. O edifício é construído rigorosamente sob os princípios modernistas.



Figura 3 - Prédio do Ministério da Educação planejado por Lucio Costa

A partir daí começa uma relação da arquitetura moderna com a modernização da sociedade e os políticos, a usando como símbolo para um novo país. Em 1940, o prefeito de Belo Horizonte, Juscelino Kubitschek, confia a Oscar Niemeyer a tarefa de projetar diversos prédios que ficariam em volta do lago artificial da Pampulha. O projeto inicial seria um cassino, um clube, uma igreja, um salão de dança e um hotel, construções que não acrescentariam muito a função da cidade, mas alguns não passaram do plano inicial, já a igreja da Pampulha é uma das obras mais famosas de Niemeyer. Foi criada daí a parceria de JK com o arquiteto Oscar Niemeyer.



Figura 4 -Igreja da Pampulha em Belo Horizonte

2.1.6 GRANDES MUDANÇAS

Dá se o fim da Segunda Guerra Mundial (1945) e o país começa um processo de democratização. A Assembleia Constituinte é convocada para estabelecer uma nova constituição, mas a primeira versão do seu projeto não previa a mudança da capital, por adiar o debate deste tema que ainda causava polêmica entre os interesses regionais. De última hora Arthur Bernardes, deputado da UDN de Minas Gerais e ex-Presidente da República (1922-1926) sugere um artigo na versão definitiva do anteprojeto. Café Filho, do Rio Grande do Norte, sugere a mudança temporária da capital para Goiânia, que foi inaugurada em 1942. E Benedito Valadares, de Minas Gerais, sugere a mudança para o triângulo mineiro. Os constituintes debatem entre as três opções: Goiânia, Triângulo Mineiro e o Retângulo Cruls.

JK, constituinte do PSD de Minas Gerais, apoia a sugestão de Benedito Valadares, concordando com sua argumentação em um estudo feito pelo secretário da rede viária de Minas Gerais, Lucas Lopes, (SERVIÇO DE DOCUMENTAÇÃO DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA, 1960. P.140) onde ele dizia que a transferência para regiões que na época eram desertos econômicos, como o Retângulo Cruls, apresentaria inconvenientes tão graves que seria mais prudente manter a sede do governo no Rio de Janeiro. E sugeriu a região do Triângulo Mineiro para o local da nova capital, um local em Tupaciguara com área de 5.000 km². Ele calculou a evolução geográfica do centro demográfico brasileiro desde o início da colônia, localizando-se, em 1940, nas proximidades do Triângulo Mineiro e prevendo nos anos 2000 o deslocamento para a região escolhida.

Na constituição de 18 de setembro de 1946, o artigo 4 das disposições transitórias trata da transição da capital:

Art. 4º. A Capital da União será transferida para o planalto central do país.

§ 1º Promulgado este Ato, o Presidente da República, dentro em sessenta dias, nomeará uma comissão de técnicos de reconhecido valor para proceder ao estudo da localização da nova capital.

§ 2º O estudo previsto no parágrafo antecedente será encaminhado ao Congresso Nacional, que deliberará a respeito, em lei especial, e estabelecerá o prazo para o início da delimitação da área a ser incorporada ao domínio da União.

§ 3º Findos os trabalhos demarcatórios, o Congresso Nacional resolverá sobre a data da mudança da capital.

§ 4º Efetuada a transferência, o atual Distrito Federal passará a constituir o Estado da Guanabara.³

(VIDAL, 2009, p 164)

3 Para ler a constituinte de 1946 acesse <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/conadc/1940-1949/constituicao.adct-1946-18-julho-1946-365201-publicacaooriginal-1-pl.html>

Assim mais uma comissão de estudos para a localização da nova capital é criada pelo presidente general Eurico Dutra, em 1946, liderada pelo general Djalma Polli Coelho. Seu relatório entregue em 1948 apoia a solução apresentada pela comissão Cruls em 1892, mas amplia a área norte sobre a bacia amazônica para aproveitar bacias fluviais. O território passou de 14.000km², demarcado pela comissão Cruls, para 77.000km² e algumas recomendações foram feitas: que a mudança não fosse feita às pressas; que o Distrito Federal seria a capital, planejada para acolher 250 mil habitantes, e as cidades-satélites, encarregadas do abastecimento da capital, planejadas para 50 mil habitantes; e que a questão toda seja tratada com um novo estado de espírito, diferente dos métodos tradicionais de “colonização” para que possa inspirar o espírito da mudança na população (Comissão de estudos para a localização da nova capital do Brasil apud Vidal, 2009, p.166)

Dentro da própria comissão haviam conflitos de pensamentos, os militares do lado da solução proposta anteriormente pela comissão Cruls com a ampliação ao norte, por ter um caráter colonizador do interior do país; já os geógrafos da comissão eram a favor da localização mais próxima ao Triângulo Mineiro, buscando o centro demográfico do país.

A subcomissão de geografia se dividira em duas frentes de estudo, uma de oito zonas delimitadas anteriormente, cuidando primariamente do efetivo local para a nova capital, e outra frente de estudo sobre a parte sudeste do planalto central. As duas comissões apontam que a frente colonizadora sobre o Planalto Central é independente das outras capitais vizinhas e considerou, conseqüentemente, como dois problemas diferentes, o da colonização do interior e o da transferência da capital, se a capital fosse uma cidade puramente para a administração do país e independente, então o planalto central seria o melhor lugar, mas se fosse levar a prosperidade para o interior do país, a nova cidade deveria ficar mais perto as outras grandes capitais.

A opinião dos militares, técnicos e cientistas ficou bem dividida, alguns censuravam a comissão Polli Coelho por se basear nos estudos da comissão Cruls, que não tinha nenhum especialista em geografia humana, e por isso não bastava para resolver problemas sociais e políticos. Outros apoiavam a mudança imediata como solução para os desequilíbrios econômicos, demográficos e segurança nacional. E mais uma vez a decisão é adiada, agora por cinco anos, até que em 5 de janeiro de 1953 a Lei 1.803 oficializa os resultados da comissão Polli Coelho e autoriza o poder executivo a realizar os estudos definitivos para a construção da nova capital. Em junho do mesmo ano, o presidente reeleito Getúlio Vargas nomeia a Comissão de Localização da Nova Capital Federal, que, depois da aprovação de alguns estudos, se tornou a Comissão de Planejamento da Construção e Mudança da Capital Federal.

2.1.7 VERA CRUZ

Pouco antes de JK assumir a presidência (o presidente foi eleito em outubro de 1955, mas só ocupou a função a partir de 31 de janeiro de 1956), houve mais uma proposta para o plano da nova capital, fruto do trabalho de uma equipe de arquitetos e engenheiros vinculados à Comissão de Localização da Nova Capital Federal. Com o objetivo de fazer uma

cidade moderna, com funções administrativas para o país e que inspirasse um novo modelo de sociedade e esperança de prosperidade.

E seu nome deveria sintetizar tudo esse espírito:

Vera Cruz significa, pois, uma venerada tradição da nossa pátria, envolve-nos carinhosamente sob o manto da fé, lembra-nos o primeiro nome dado ao nosso País. (...) A cruz verdadeira, que há de guiar o pensamento dos nossos dirigentes e abençoar o operoso e bravo povo brasileiro. Vera Cruz, portanto, representa, para nós, Brasileiros, a continuidade histórica da nossa Pátria civilizada, no decorrer dos séculos, à sombra do sagrado madeiro

(PESSOA apud Vidal, 2009, p 175)

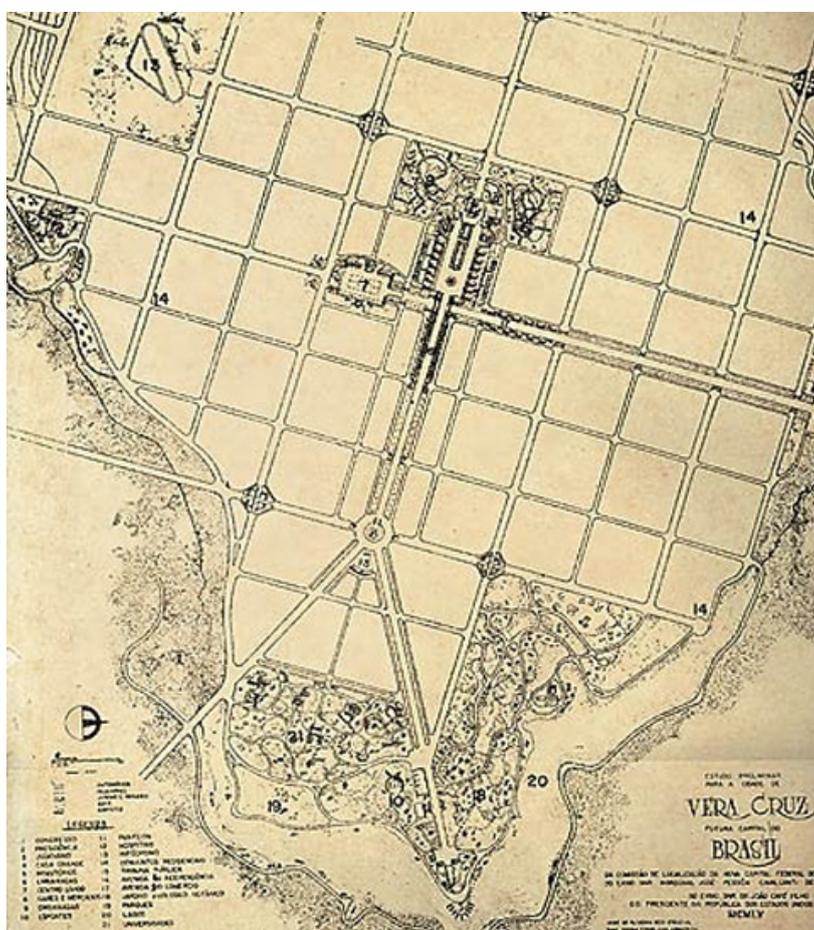


Figura 5 - Plano da cidade de Vera Cruz

O projeto da capital foi baseado no local e peculiaridades estudados pela Comissão Pessoa. Há o princípio da monumentalidade que distinguiria das outras cidades brasileiras, com uma larga avenida principal, chamada de Avenida da Independência, onde aconteceria os desfiles cívicos promovidos pelo governo, e ao longo dela os prédios da administração federal, com o Palácio do Congresso no ponto mais alto. O plano também se preocupa com a escala humana da cidade – esquecida por Theodoro Figueira de Almeida na criação

do plano da “Brasília, Cidade histórica das Américas”- separadas em quadras, seguindo os princípios modernos definidos pela Carta de Atenas, seriam relativamente autônomas e também era previsto grandes áreas verdes. O plano da cidade de Vera Cruz se inspira no orgulho do passado, mas é direcionado para ao futuro.

2.1.8 LE CORBUSIER

Antes do plano da cidade de Vera Cruz ser criado, os urbanistas da comissão previram convidar o arquiteto francês Le Corbusier, um dos mestres da arquitetura moderna, para participar da elaboração do projeto. A princípio o marechal Pessoa havia concordado, mas depois mudou de ideia, argumentando que os arquitetos e urbanistas brasileiros tinham capacidade de lidar com um projeto deste tamanho. O convite já havia sido feito e o arquiteto estava animado com uma proposta desta importância. Em junho de 1955, Le Courbusier manda uma carta explicando as etapas do plano da cidade e uma estimativa de orçamento da sua remuneração pelo projeto. Mas o marechal Pessoa já havia se decidido contrário a participação do arquiteto francês e não quis recebê-lo em reunião.

Mais tarde, em 1956, Le Courbusier tenta convencer o então presidente Juscelino a participar da criação de Brasília, mas também não consegue. Apesar de não atuar diretamente no plano da capital, suas teorias modernistas guiaram os arquitetos e urbanistas que conceberam Brasília.

2.1.9 JK

Juscelino Kubitschek assume a presidência em um momento muito conturbado para o Brasil e para o mundo, depois do suicídio de Vargas em 1954 e na época da guerra fria. Mas seu carisma, entusiasmo e promessas de desenvolver o país 50 anos em cinco anos, retoma a esperança para o povo brasileiro. A essência do estilo de Juscelino Kubitschek era a improvisação. O entusiasmo era sua principal arma (SKIDMORE apud Vidal, 2009, p188)

Em seu plano de campanha, conhecido como Programa de Metas, não estava previsto a mudança da capital. Uma história popular diz que em 4 de abril de 1955, durante um discurso de campanha na cidade de Jataí (Goiás), JK teria falado que se fosse eleito iria seguir a constituição federal rigorosamente e logo após foi indagado se iria pôr em prática a mudança da capital que já estava prevista na constituição, então Juscelino saiu da situação constrangedora em frente do povo goiano dizendo que construiria sim, a nova capital, se fosse eleito.

Acabo de prometer que cumprirei, na íntegra, a Constituição, e não vejo razão para que esse dispositivo seja ignorado. Se for eleito, construirei a nova capital e farei a mudança da sede do governo.

(Kubitschek, 1975, p7/8)

Claro que as pessoas presentes foram ao delírio com essa promessa, e então a construção de Brasília se tornou um símbolo do desenvolvimento do país e do governo de JK.

Depois de eleito, o presidente envia ao Congresso um projeto de lei que cria a Companhia Urbanizadora da Nova Capital (Novacap), que é encarregada de todas as operações relacionadas a construção da nova capital com grande autonomia. Dirigida por Israel Pinheiro, ex-deputado mineiro e homem de confiança de JK, e como chefe do departamento de urbanismo e arquitetura, Oscar Niemeyer, com quem JK já havia trabalhado antes.

Como já haviam sido feitos vários estudos sobre o local da nova capital e até um plano urbanístico, JK entrega a tarefa da criação do plano de Brasília à Novacap, em especial à Niemeyer, que aceita planejar os prédios públicos mas acha melhor submeter o plano piloto da cidade a um concurso nacional. O concurso beneficiaria os arquitetos brasileiros e o Instituto de Arquitetos Brasileiros (IAB), além de ganhar cobertura da mídia mundial, com a designação de um júri internacional. Em 30 de setembro de 1956 é publicado no diário oficial da união a abertura do concurso.

A criação do lago Paranoá havia sido aprovada antes do edital do concurso, a ideia já havia sido sugerida pela Comissão Cruls e por outras comissões, não só para amenizar o clima, mas também como elemento simbólico da cidade. Outros elementos decididos antes do concurso foram a localização do Palácio da Alvorada, de um hotel para as autoridades que visitassem a construção e a localização do aeroporto. A cidade deveria ser planejada para 500.000 habitantes.

O prazo do concurso foi bem apertado, havia muita pressa para começar a construção, o edital dava muita abertura para os concorrentes e faltava alguns estudos geográficos e sociológicos. Alguns recusaram-se a participar, como os arquitetos de renome Reidy e Moreira. Mas mesmo assim a Novacap recebeu 26 projetos.

O júri composto por Israel Pinheiro, Niemeyer, um representante da IAB, um representante do Clube dos Engenheiros e três estrangeiros selecionaram primeiramente 10 projetos. O projeto de Lúcio Costa não atendia a alguns critérios determinados no edital, como escala e topografia. Por isso, Paulo Antunes Ribeiro, representante da IAB, propõe desclassificá-lo, mas o plano havia chamado a atenção dos outros juízes.

“3. O Plano Piloto deverá abranger:

a) traçado básico da cidade, indicando a disposição dos principais elementos da estrutura urbana, a localização e interligação dos diversos setores, centros, instalações e serviços, distribuição dos espaços livres e vias de comunicação (escala 1:25.000);

b) relatório justificativo.”

(Trecho do edital do Concurso Nacional do Plano Piloto da Nova Capital do Brasil) (COSTA, 1991. p 15)

O projeto consistia em uns croquis desenhados a mão e um relatório nada formal e

quase poético sobre o desenvolvimento da ideia.

Desejo inicialmente desculpar-me perante a direção da Companhia urbanizadora e a Comissão julgadora do concurso pela apresentação sumária do partido aqui sugerido para a nova capital e também justificar-me. Não pretendia competir e na verdade não concorri - apenas desvencilho-me de uma solução possível, que não foi procurada mas veio, por assim dizer, já pronta. (op. cit. p 20)

Apesar de não estar condizente com as exigências do edital, Lúcio Costa havia pensado em todos os aspectos da nova capital, a monumentalidade que uma capital deveria apresentar, cada lugar dos prédios de função administrativa. E não deixou em segundo plano as pessoas que morariam ali, levou em consideração a qualidade de vida, destinando espaços para o lazer, a moradia, o trabalho e circulação, baseando-se nas funções do urbanismo moderno.

Ela deve ser concebida não como simples organismo capaz de preencher satisfatoriamente e sem esforço as funções vitais próprias de uma cidade moderna qualquer, não apenas como urbs, mas como civitas, possuidora dos atributos inerentes a uma capital. (...) Monumental não no sentido de ostentação, mas no sentido da expressão palpável, por assim dizer, consciente, daquilo que vale e significa. (op. cit. p 22)

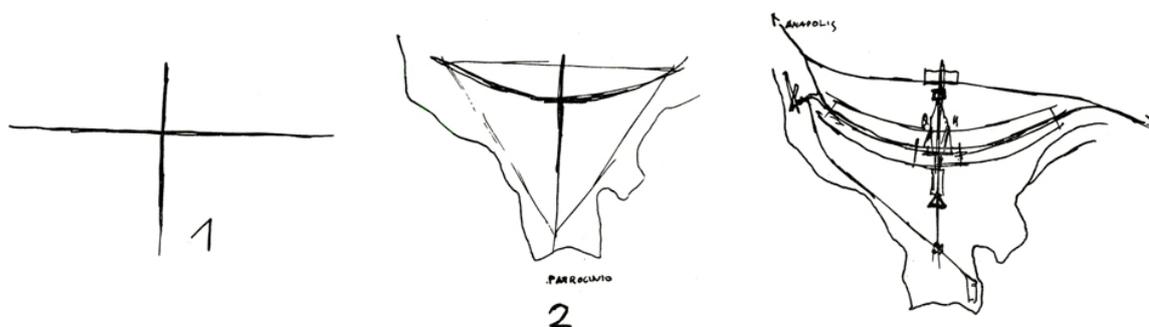


Figura 7 - croquis de Lucio Costa para o plano piloto de Brasília

Em 16 de março de 1957, o projeto de Lucio Costa foi enfim premiado, com um milhão de cruzeiros, por todos os outros jurados, com exceção de Paulo Antunes Ribeiro. Parte da apreciação do júri dizia:

Vantagens

1. O único plano para uma capital administrativa do Brasil.
2. Seus elementos podem ser prontamente aprendidos: o plano é claro, direto e fundamentalmente simples - como, por exemplo, o de Pompéia, o de Nancy, o de Londres feito por Wren e o de Paris de Louis XV.

(COSTA, 1991. p 35)

2.1.10 CANDANGOS

A história de Brasília é contada várias e várias vezes. As grandes decisões, o jogo político, um sonho profético para a terra prometida, JK, Lúcio Costa, Niemeyer. Em meio a tantos acontecimentos marcantes e nomes poderosos, se perde a história dos Joãos e Marias que deixaram suas casas, seus estados, e muitas vezes, suas famílias, para construir as casas de outras pessoas e os prédios de um governo que não governava para eles. Vieram para Brasília com a promessa e esperança de arrumar um emprego, melhorar a vida, fazer um pé de meia e voltar para a família que ficou para trás ou até mesmo conseguir um lote na cidade. Alguns ficaram, outros de fato voltaram para seus estados, e outros nem sobreviveram a construção da nova capital.

Entender Brasília é entender também essas pessoas que vieram trabalhar em sua construção, os verdadeiros primeiros moradores, quando a cidade ainda nem era uma cidade.

O território não pertencia ao Goiás, mas também não era ainda, constitucionalmente, o Distrito Federal, era longe das cidades grandes, e a infraestrutura das moradias, e condições de trabalho eram precárias, então as leis e normas funcionavam um pouco diferente naquele pedaço de terra no meio do Planalto Central.

Tudo que era comercializado em Brasília tinha que vir de outra cidade, o comércio era livre, não pagavam impostos, e regulado pela lei da oferta e da procura. Daí vem o nome de Cidade Livre para o primeiro núcleo de pessoas que construiriam a cidade (oficialmente denominado Núcleo Bandeirante).

A fiscalização era rara e a prioridade era terminar o projeto no prazo apertado, então muitos não ligavam para a organização dos gastos, e muitos outros, se aproveitavam disso.

A roubalheira era demais - diziam os peões. Muita gente queria encher os bolsos de qualquer maneira. E tinham pressa em fazê-lo, pois sabiam que o dia da inauguração significaria também o fim da uma época de vacas gordas.

(BEÚ, 2012. P.40)

Se a fiscalização não funcionava para os gastos do governo, não era em favor dos trabalhadores que iria funcionar. Mesmo com a criação da Novacap, sob presidência do engenheiro Israel Pinheiro, que estava mais preocupado com o cronograma das obras do que com a legislação trabalhista, os empreiteiros não tinham nenhum cuidado com a segurança dos trabalhadores. Não haviam materiais de segurança, como capacetes, luvas ou cintos. Muitos usavam um chapéu de palha ou improvisavam com dobraduras de jornal, para se proteger apenas do sol.

“(...) no “Vinte e Oito”, acho que foi bem uns quarenta metros de chão adentro. Quando eu terminava de encher o balde, dava um sinal para o peão lá de cima puxar. Depois de tudo limpo eu subia de volta agarrado no balde. Na subida ia rodando igual um parafuso, porque o corpo ia batendo de lado no buraco. Saía

todo sujo de lama, igualzinho um tatu. (...). Se morria gente? Vixe! Só no Hospital Distrital (Hospital de Base), vi morrer treze pessoas de uma vez. ”

Depoimento de Otacílio Zacarias dos Santos, que trabalhava de “tatu”, para o livro Expresso Brasília: a história contada pelos candangos, de Edson Beú.

(op. cit. p55)

“Vinte e Oito” era o apelido do anexo do Congresso Nacional, por causa do número de andares. Um dos prédios com os maiores índices de morte nas obras, o prédio é muito alto e sua fundação, muito profunda, mas não se sabe ao certo quantos morreram na sua construção. Não havia interesse em contar, nem em divulgar.

As jornadas de trabalho não eram respeitadas e muitas vezes aconteciam as “viradas”, como os trabalhadores chamavam, passavam a noite inteira trabalhando e emendavam com a jornada do outro dia. Era mais barato pagar hora extra, do que contratar mais funcionários. Os trabalhadores eram atraídos com a possibilidade de ganhar mais dinheiro, e de modo geral, não se opunham ao ritmo insano de trabalho. Havia também as construtoras clandestinas, os chamados “gatos”, tinham custos menores, contratavam sem carteira assinada, contratavam menores de idade, permitiam muitas horas extras e as “viradas”, por isso pagavam mais e o ritmo de suas obras era mais acelerado.

Não havia fiscalização quanto ao material de segurança, as horas trabalhadas, nem quanto a comida servida para os trabalhadores pelas cantinas das construtoras. Eles frequentemente reclamavam, tanto do gosto, quanto das condições de higiene que a comida era feita. Há relatos de uma agitação dos operários no dia 8 de fevereiro de 1959, um domingo de carnaval, e o motivo teria sido a carne estragada, os trabalhadores ameaçaram quebrar a cantina e uns poucos agentes da GEB (Guarda Especial de Brasília, que foi criada pelo governo para tentar manter a ordem e suprir a falta de policiamento) tentaram conter os mais exaltados de forma muito violenta, os trabalhadores reagiram e conseguiram tirar os companheiros da situação. De noite os operários haviam achado que o ocorrido havia acabado, mas os gebianos, como os candangos os chamavam, invadiram violentamente o acampamento dos operários agredindo ou atirando em quem estivesse na frente.

No dia da inauguração, 21 de abril de 1960, a esplanada estava lotada para ouvir o discurso do presidente JK.

(...) a hora é de emoção. Atingimos o ponto pra onde se dirigiam as nossas esperanças. As peripécias da viagem e este mar de trabalho, esta extensão de tarefas que parecia infinita, verificamos hoje como foi rápido vencê-los todos. (...) sei bem -todos sabem- que o s episódios do erguimento desta cidade, mesmo os mais obscuros, figurarão na história que escrevestes, com vosso suor. Um dia vira alguém que fixara no papel a vossa vida de candango. As gerações futuras desejarão saber tudo o que aconteceu na Capital da Esperança. (...)

(op. cit. p114)

Após a inauguração de Brasília, houve a eleição em que Jânio Quadros assume a presidência, e logo que tomou posse, ele mandou suspender várias obras iniciadas por JK, o que gerou demissões em massa e mudou a vida de muitos candangos. A cidade não era mais um enorme canteiro de obras, era capital da República, então muita coisa mudou, desde a fiscalização do uso dos terrenos, até a GEB que passaria por uma reciclagem. E começou também o processo de urbanização, pelo lado sul da cidade. As obras continuariam, com um ritmo bem mais lento, depois veio a época da ditadura militar e Brasília foi aos poucos tomando a cara que tem hoje.

2.1.10.1 IGREJINHA DA 307/308 SUL

Construída para atender uma promessa feita por Sarah Kubitschek, devota de Nossa Senhora de Fátima, ficou pronta em cerca de três meses, pois o presidente da Novacap, Israel Pinheiro, queria casar a filha e ainda não havia nenhuma igreja em nenhuma das asas da cidade. E tempos depois ainda teve a coroa de ouro da imagem de Nossa Senhora de Fátima roubada, a coroa era feita de doações de joias dos próprios paroquianos



Figura 8 - Igreja Nossa Senhora de Fátima 307 sul

2.2 BRASÍLIA MÍSTICA

Brasília traz consigo várias histórias místicas sobre sua criação e desenvolvimento, algumas bem famosas, como o sonho profético de Dom Bosco. Por ser uma cidade diferente das demais brasileiras, na sua concepção, construção e cultura, muitos buscam uma explicação extraterrena para a cidade. O que o governo de JK pode ter usado a seu favor para convencer a população brasileira da ideia de interiorizar a capital na década de 50, adicionando um elemento espiritual ao discurso de campanha. Como se o universo e forças maiores do que eles quisessem que a nova capital fosse construída no planalto central.

2.2.1 MISTURA DO BRASIL COM O EGITO

Uma linha de estudo, pouco conhecida pelos brasilienses, traça um paralelo comparativo entre Brasília e Akhenaton (cidade egípcia que existiu há 3580 anos) e entre o presidente Juscelino Kubitschek e o faraó Akhenaton, da dinastia XVIII. Além de estudos da cidade sob

o ponto de vista da numerologia, simbologia, tarô egípcio e cabala hebraica. Estudos feitos pela egiptóloga Iara Kern e Ernani Pimentel, descritos no livro Brasília Secreta – Enigma do Antigo Egito, publicado em 2000.

O faraó Amenófis IV, marido da rainha Nefertiti, reinou de 1375 a 1358 antes de Cristo. É conhecido por romper com o politeísmo em sua época, substituindo pela adoração de um único deus, a quem chamou de Aton. Com essa mudança religiosa o faraó decidiu mudar a capital da monarquia para se desvencilhar dos sacerdotes dos antigos ídolos. A contragosto dos sacerdotes, a capital do Egito mudaria de Tebas para Akhetaton. O monarca também mudou seu nome para Akhenaton, “Aquele que agrada a Aton”, na época da construção da cidade, que durou quatro anos.

Brasília é comparada com Akhenaton em diversos pontos. As duas cidades foram planejadas para ser a capital administrativa no centro geográfico de seus países, em formato que lembram um pássaro em voo e divididas em setores. Ambas apresentam soluções urbanísticas inovadoras para cada época, avenidas largas e grandes espaços verdes. A arquitetura dos monumentos e prédios públicos brasilienses também entra na comparação.

Os autores levantam as semelhanças da antiga sede da CEB - Centrais Elétricas de Brasília (demolida em 2012) e da pirâmide de Sakara, destinada ao armazenamento de energia cósmica e o uso medicinal dela, os dois prédios teriam as mesmas proporções e forma piramidal escalonada com vértice truncado.

Também relacionam a Catedral com os templos antigos por serem cercados de água e com estátuas a frente da entrada; o memorial JK com as pirâmides, além do formato, os dois guardam o túmulo de governantes; citam construções que se assemelham com a forma das tumbas faraônicas: a igreja Messiânica (localizada na quadra 315 norte), a Ordem Rosa Cruz AMORC (localizada na quadra 607 norte), a Igreja católica de Santa Cruz (localizada na quadra 905 sul) e o Templo da Boa Vontade (localizado na Estr. St. Policial Militar), onde foi criada uma sala dedicada a cultura egípcia, no livro Brasília Secreta há uma seção apenas sobre este templo. Também falam das semelhanças entre o lago Paranoá e o lago Moeris, no Egito, e o Teatro Nacional e a pirâmide de Keóps.



Figura 9 - Antigo prédio da CEB



Figura 10 - Pirâmide de Shakara



Figura 11 - Igreja Messiânica



Figura 12 - Igreja de Santa Cruz

As análises da numerologia e simbologia da capital abrangem o Congresso Nacional, a igreja Dom Bosco, a bandeira nacional hasteada na Praça dos Três Poderes, Rodoviária, Torre de TV e outros prédios do eixo monumental. Como podemos exemplificar nos trechos abaixo:

“O H do Congresso Nacional situa-se entre duas conchas ou semiesferas, cujos polos ou vértices apontam para direções opostas e funcionam como captadores de energia de “cima” e de “baixo” ou energia cósmica e telúrica. As secções dessas duas conchas, se superpostas, formam um círculo, símbolo do equilíbrio universal.”

“Os prédios de cada lado do H do Congresso Nacional têm 28 andares. Somando-se $28+28=56$, que é o número dos menores arcanos do Tarô Egípcio e da Cabala Hebraica, indicando local onde se encontram todos os interesses e vontades. 56 se desdobra em $5 + 6 = 11$, número mestre que indica evolução superior e sugere altíssima responsabilidade na decisão do destino do país. Coincidentemente, o Plano Piloto inteiro forma 4 grupos de 35 superquadras. $4 \times 32 = 128$; $1 + 2 + 8 = 11$.”

(KERN e PIMENTEL, 2000)

Não só a arquitetura foi analisada, os habitantes de Brasília e o presidente Juscelino Kubitschek foram mencionados do mesmo modo.

“A estrutura psicossocial e cultural das crianças e jovens que nasceram e que vivem em Brasília é tão notável que se destacam em qualquer parte do país e fora dele.

Segundo alguns espiritualistas, são reencarnações da XVIII dinastia, mentora da cidade de Brasília e suas fisionomias muito se assemelham às dos antigos egípcios.”

(KERN e PIMENTEL, 2000)

JK foi comparado com o faraó Akhenaton, os dois enfrentaram a sociedade de sua época para realizar o plano de mudar a localização da capital do seu país e construir uma cidade nova do zero, não tiveram filhos homens, viveram 16 anos após a inauguração de suas cidades e morreram de formas violentas. Os autores relatam que alguns esotéricos acreditam que JK e Brasília vieram para terminar o que Akhenaton, o faraó e Akhenaton, a cidade, fizeram na sua época.⁴

2.2.2 DOM BOSCO

São João Bosco, santo italiano conhecido como Dom Bosco, sonhou em agosto de 1883 (um mês e pouco depois da chegada dos primeiros Salesianos ao Brasil) que fazia uma viagem à América do Sul, porém nunca visitou o continente. No sonho ele era guiado por um jovem pelas terras da América do Sul, mostrando os habitantes que esperavam o seu auxílio, fé e como ele os guiaria para a doutrina católica. Este sonho de Dom Bosco foi transcrito pelo Padre Lemoyne.

Via tudo em conjunto, como em miniatura. Depois, como direi, pude ver tudo em sua real grandeza e extensão. Foram os graus marcados na corda, correspondentes exatamente aos graus geográficos de latitude, que me permitiram gravar na memória os pontos sucessivos que visitei na segunda parte do sonho. (COUTO, 2009, p 16/17)

Uma parte do sonho de Dom Bosco é especialmente citada na história da construção de Brasília, pois a cidade se encontra entre os graus de latitude 15 e 20, citados no sonho.

Não só as cordilheiras, mas também as cadeias de montanhas isoladas naquelas planuras intermináveis 19 eram por mim contempladas (o brasil?) [Sic: com ponto de interrogação e com inicial minúscula, no manuscrito original]. Tinha debaixo dos olhos as riquezas incomparáveis deste solo que um dia serão descobertas. Via numerosas minas de metais preciosos, filões inexauríveis de carvão, depósitos de petróleo tão abundantes como nunca se encontraram em outros lugares.

Mas não era ainda tudo. Entre os graus 15 e 20 havia uma enseada bastante longa e bastante larga, que partia de um ponto onde se formava um lago. Disse então uma voz repetidamente: -Quando se vierem a escavar as minas escondidas no meio destes montes, aparecerá aqui a terra prometida, de onde jorrará leite e mel. Será uma riqueza inconcebível.

(op. cit., p 16/17)

4 A quem interessar a pesquisa completa, leiam Brasília Secreta – Enigma do Antigo Egito, há uma cópia na Biblioteca da UnB.

O sonho de Dom Bosco contribui para uma visão mística da capital, além de reforçar a esperança nela depositada por toda uma nação, a “terra prometida”, quase como se a construção deste símbolo de modernidade fosse a solução para todos os problemas de um país em desenvolvimento. Acredito que até hoje a cidade é vista como essa terra de oportunidades e esperança, visão alimentada desde o início da sua idealização com a chegada da família real portuguesa ao Brasil (quando Brasília não era Brasília ainda), sustentada pelos políticos que acreditavam que a construção da nova capital seria benéfica para o país, ou para seus próprios interesses, e amplificada por uma população, em sua maioria pobre, como uma mudança de vida.

2.3 IPÊS

As árvores plantadas são tarefa da Novacap desde a década de 1970 e existem aproximadamente 500 mil ipês em todo o DF.

A empresa é responsável pelo plantio da espécie em áreas verdes das quadras, ao longo das avenidas da capital e nos jardins das cidades satélites. Para isso, o órgão conta com um viveiro de 78 hectares, localizado próximo ao Parque Nacional, onde aproximadamente 90 mil ipês - além das milhares de mudas de outras espécies - são cultivados.

O início do cultivo dos ipês acontece longe das estufas. As sementes nativas são colhidas por uma equipe da Novacap em um raio de até 500 quilômetros, incluindo terrenos do Distrito Federal, de Goiás e de Minas Gerais. As sementes recolhidas são encaminhadas para outro viveiro da instituição, onde são beneficiadas e, finalmente, levadas para o Viveiro II, onde germinarão.

Ao chegar no local, as sementes são colocadas em pequenos tubos plásticos, completos com um substrato rico em palha de arroz, fibra de coco, vermiculita e outros nutrientes que ajudam no desenvolvimento da planta. O recipiente também é especial. Em formato cônico, ele conta com saliências na parte interna que ajudam no crescimento ordenado das raízes, o que contribui para a absorção eficiente das substâncias do solo.

As pequenas mudas ficam armazenadas em um tipo de estufa, chamada casa de sombra, onde recebem água e luz. Somente ao atingirem o tamanho ideal de 15 a 20 centímetros, o que leva cerca de três meses, elas são passadas para um recipiente maior, de sete litros.

Uma vez colocadas nesses vasos maiores, as mudas já podem ser levadas para as localidades externas. Porém, segundo Silomar Rodrigues em entrevista para o site do jornal Correio Braziliense, o ideal é que elas sejam transportadas apenas após alcançarem o tamanho entre um e dois metros, ou um ano e meio de cultivo. “Com esse porte elas têm mais condições de germinar no ambiente urbano”, explica o técnico agrícola.

As pequenas árvores são, então, plantadas em localidades diversas do Distrito Federal. Atualmente, a demanda maior está em cidades satélites, com déficit de arborização, além de locais onde é necessário o reflorestamento, como áreas desmatadas ou devastadas por

queimadas.

No caso dos ipês, o plantio costuma ser feito apenas nos últimos meses do ano, quando as chuvas são mais abundantes e auxiliam na manutenção das mudas. Entretanto, as coloridas flores, características da espécie, demoram um pouco a aparecer. Apenas com oito anos, em média, as árvores estão prontas para florescer. E uma vez coloridas, tendem a permanecer assim de 10 a 15 dias apenas.

Roxo:

Tamanho: 15 a 18 metros

Período de floração: junho e setembro

Com flores rosadas, às vezes é confundido com o ipê-rosa. Porém, o porte frondoso e a cor bastante intensa, o diferenciam dos demais.

Rosa:

Tamanho: até 35 metros na natureza

Período de floração: agosto e setembro

Apresenta tom mais brando, com o interior das flores até mesmo esbranquiçado.

Amarelo:

Tamanho: 3 a 8 metros

Período de floração: julho e setembro

Com porte mediano, a espécie tem como curiosidade a alta taxa de germinação dupla com uma mesma semente. Porém, seu crescimento tende a ser um pouco mais lento que os demais.

Branco:

Tamanho: 7 a 16 metros

Período de floração: agosto e outubro

O ipê-branco é o que tem as flores um pouco mais raras, uma vez que ficam expostas por menos tempo, em média, oito a dez dias.

Verde:

Tamanho: 6 a 18 metros

Período de floração: dezembro e março

O quinto tipo de ipê é o mais incomum na cidade. O ipê verde, porém, é bastante visto na natureza local. Com flores em tom verde e caule revestido de um tipo de cortiça

Nem todas as mudas cultivadas são usadas pela Novacap. O excedente pode ser adquirido por cidadãos interessados. Os valores das plantas variam dependendo do tamanho e tipo da muda.

informações baseadas na reportagem de João Gabriel Amador para o site do jornal Correio Braziliense⁵

5 Para ler a matéria acesse <http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/especiais/brasil-capitaldoipe/2015/08/15/especial-brasil-capital-do-ipe-2015-noticia,494674/saiba-como-os-ipes-que-colorem-brasil-sao-plantados-e-cultivados.shtml>



Figura 13 - Ipê branco



Figura 14 - Ipê roxo



Figura 15- Ipê rosa

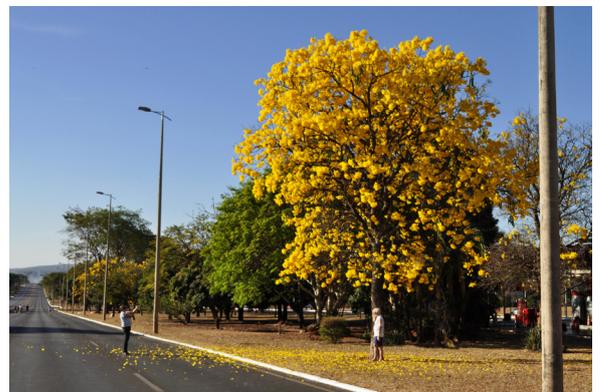


Figura 16- Ipê amarelo

3 PESQUISA

3.1 OBJETIVO

A pesquisa foi feita com intuito de entender um pouco mais a visão que as pessoas têm sobre Brasília. Foi direcionada para pessoas que moram na cidade, mas não nasceram nela, porque essas pessoas já tinham uma imagem e conceito de cidade para comparar. E para ampliar a visão da cidade para o projeto, algum dos participantes pode ter uma percepção muito diferenciada da minha que nasci na cidade, conhecer ou prestar atenção em algum lugar diferente. Os resultados também serviram de inspiração para a criação do conteúdo do livro.

3.2 FORMULÁRIO

A pesquisa foi feita por meio de um formulário online, que consistia nas seguintes perguntas:

- Local de nascimento
- O que mais surpreendeu em Brasília, positivamente e negativamente
- O que mais gosta
- O que mudaria
- Uma história ou experiência que liga a pessoa à Brasília ou à algum lugar específico da cidade

3.3 RESULTADOS

A primeira pergunta foi sobre o local de nascimento dos participantes, para saber como era a ideia de cidade que eles tinham antes de vir para Brasília e para esclarecer para quem não leu as instruções da pesquisa completamente que o formulário era destinado a quem não nasceu em Brasília.

As 16 respostas variaram entre cidades dos seguintes estados: Minas Gerais, Rio de Janeiro, Pernambuco, São Paulo, Goiás, Rio Grande do Norte, Pará, Piauí e Paraná.

A segunda pergunta questionava o que surpreendeu o participante quando ele começou a morar em Brasília, positivamente ou negativamente.

As respostas foram bem variadas mas podem ser resumidas nos seguintes itens:

Negativamente:

- Dificuldade de conversar com os vizinhos/ frieza das pessoas: citado 2 vezes
- Clima seco: citado 1 vez
- Grandes distâncias por causa da setorização: citado 3 vezes
- Custo de vida alto: citado uma vez

Positivamente:

- Facilidade de se localizar/ endereços sistema cartesiano: citado 3 vezes
- Limpeza: citado uma vez
- Organização: citado 5 vezes
- Espaços amplos: citado uma vez
- Beleza da cidade/arquitetura: citado uma vez
- Poder fazer amigos de vários estados diferentes: citado uma vez
- Segurança: citado duas vezes
- Trânsito relativamente tranquilo: citado uma vez
- UnB: citado uma vez

A terceira pergunta é sobre o que a pessoa mais gosta na cidade.

As respostas foram bem diversificadas mas podem ser resumidas nos seguintes itens:

- Áreas verdes: citados 2 vezes
- UnB: citados 2 vezes
- Lago: citado uma vez
- Beleza da cidade/arquitetura: citado duas vezes
- Organização: citado 3 vezes
- Clima: citado uma vez
- Diversidade: citado 3 vezes
- Cara de cidade pequena: citado uma vez
- Espaços amplos: citado duas vezes
- Oportunidades de emprego e estudos: citado uma vez
- Pessoas: citado uma vez
- Trânsito relativamente tranquilo: citado uma vez
- Eventos/ ritmo de vida: citado uma vez
- Frieza das pessoas (não interferir na vida dos outros): citado uma vez
- Segurança: citado uma vez

A quarta pergunta indaga sobre o que o participante mudaria em Brasília.

As respostas foram bem diversificadas mas podem ser resumidas nos seguintes itens:

- Ideia coletiva de que Brasília é só política: citado duas vezes
- Cara de cidade pequena: citado três vezes
- Qualidade do ensino público: citado uma vez
- Jeito frio dos moradores: citado três vezes
- Grandes distancias: citado duas vezes
- Transporte público: citado três vezes
- Custo de vida: citado duas vezes

O quinto item pedia para o participante contar uma história ou momento sobre a experiência com a cidade ou algum lugar específico.

As respostas a esse item foram muito pessoais, uma pessoa falou que só conseguiu criar laços com a cidade depois de casar e ter filhos aqui, alguns falaram de memórias boas sobre espaços públicos como os pilotis, ou a praça do museu, para se divertir com os amigos, além das várias vezes que se perderam na cidade por achar tudo meio igual. Um participante lembrou de como gosta e acha bonito as luzes da cidade ao anoitecer quando desce de carro de um ponto mais elevado da cidade. A catedral também foi lembrada como local de reflexão e a UnB pela sua calma e vista privilegiada.

4 LIVROS INTERATIVOS

4.1 O QUE SÃO

Os livros interativos são aqueles que propõe para o leitor uma interação ativa com o livro, por meio de tarefas e atividades que promovam algum tipo de intervenção no livro. Podem ser as mais variadas atividades que estimulam a criatividade do leitor/usuário em um passatempo divertido, como colorir, desenhar, escrever, recortar, colar, até mesmo rolar o livro barranco abaixo.

Esse tipo de livro tem ganhado cada vez mais força depois da popularização dos e-books, ao proporcionar experiências que não podem ser reproduzidas no meio digital. Os livros interativos ficaram famosos no Brasil nos últimos dois anos, com a febre dos livros para colorir para adultos, como o livro Jardim Secreto de Johanna Basford que lidera as listas dos mais vendidos de não-ficção no Brasil em 2015.

4.2 EXEMPLOS

Livros interativos em que as ações propostas são predominantemente sobre preencher listas ou responder perguntas (escrita):

1. Só se vive uma vez, 2015.

O livro traz listas, questionários e diagramas para preencher que, além de fazer o leitor se conhecer melhor e aumentar a autoestima, vão ajudar a estipular novas metas e lembrar de não cometer os mesmos erros pela segunda vez. Pode ser considerado autoajuda e aparentemente destinado a mulheres.

2. #Selfie - Seu Caderno de Perguntas, Ana Paula Zonta (brasileira) 2015

Para o público infanto-juvenil, é uma reformulação do velho 'cadernos de perguntas', várias perguntas para serem respondidas por um grupo de amigos, temas jovens e variados.

3. Coleção Listografia, Lisa Nola (edições: música, filme, literatura, amor, futuro, amigos e viagem) (maioria em inglês). A autora propõe listas para serem completadas. Cada livro tem um tema e tem um livro com listas mais gerais.

4. Eu + Você = Nós – Um Livro para Preencher Junto, Currie, Lisa

Perguntas para preencher junto com pessoas próximas, familiares, amigos ou parceiro amoroso. As perguntas estimulam o diálogo, troca de ideias e reflexões.

5. Q and A a day, Style Potter

O autor propõe que o leitor/usuário responda uma pergunta pessoal por dia durante cinco anos.

Livros interativos em que as ações propostas são bem variadas:

1. Destrua este diário, Keri Smith 2007

Propõe tarefas variadas de níveis diferentes de dificuldade, para exercitar a criatividade e romper a ideia de que o livro é algo imaculado.



Figura 17 - Exemplos de livros interativos

2. Gaveta de bolso Juliana cunha/ ilustrações Luda Lima (brasileiro)

“Gaveta de Bolso é um livro interativo com alguns desenhos, atividades e textinhos para te distrair enquanto fala ao telefone, espera o amigo que não chega, economiza a bateria do celular, aguarda o chefe parar de surtar, o cachorro acabar de ser tosado ou a serenidade voltar a habitar o seu corpo” (apresentação do livro)

3. Termine este livro, Keri Smith

O leitor tem a missão de completar o conteúdo da obra desconhecida. Antes de revelar os segredos desse estranho manual, o leitor passará por um treinamento intensivo nas artes da espionagem e da investigação. Aprendendo a decodificar mensagens criptografadas, reconhecer padrões ocultos no ambiente e usar a criatividade para dar a objetos comuns utilidades extraordinárias. Mais que um meio de estimular a imaginação, “Termine Este Livro” é uma reflexão delicada sobre a interação entre o leitor e a obra e como os livros se entrelaçam com nossas vidas.

4. Uma página de cada vez, Adam J. Kurtz

Com brincadeiras a cada página o autor propõe uma reflexão sobre a vida e o cotidiano enquanto testa a criatividade do leitor.

5. What I Wore Today, Gemma Correll

Tema do livro é moda, é dividido em 4 capítulos, cada um é uma estação do ano: primavera, verão, outono e inverno. Tarefas como desenhar looks, fazer listas

6. Livro do bem, Ariane Freitas e, Jéssica Grecco (brasileiro)

O livro tem ações para gerar bem-estar e momentos de felicidade para o leitor, como, por exemplo: “ligue para um amigo que você não fala a muito tempo”.

7. Livros de colorir para o público jovem/adulto (exemplo: Jardim secreto)

Vários desenhos em branco para os usuários colorirem, pode variar os temas.

8. Diário de um banana – faça você mesmo, Jeff Kinney, 2007

Livro interativo da série infanto-juvenil “O Diário de um Banana”, traz quadrinhos, atividades para despertar a criatividade e algumas propostas de ações bem pessoais, que lembram mesmo um diário, como “hall da fama dos seus amigos”.

9. Cadernos de rabiscos para adultos que querem chutar o balde, Claire Fay

Atividades variadas para adultos com temas entre trabalho, relacionamentos interpessoais e outros.

10. Mess, Keri Smith

Várias propostas de ações nas páginas do livro que estimulam a criatividade, visão artística e proporcionam um passa tempo divertido

11. A receita da felicidade, Dani Noce (brasileiro)

A autora é youtuber e tem um site de culinária e lifestyle, no livro ela traz receitas, dicas de beleza, viagens e convida o leitor/usuário a escrever suas próprias receitas, colorir páginas, colar fotos, contar histórias. O livro também tem vários QR codes que linkam aos textos e vídeos produzidos por ela.

Análise dos livros interativos vistos nas minhas idas à livraria (no geral)

- Linguagem simples, direta e informal
- Tipografia manuscrita (alguns misturam 3 ou mais fontes)
- Ilustrações com cara de desenhos rápidos
- Bom espaço para intervenção do leitor/usuário
- Algumas propostas mais difíceis ou muito fora do comum, tem um exemplo, ou dicas
- Elementos gráficos também na estética handmade (feito à mão)
- Propostas com vários níveis de dificuldade e vários níveis de ‘estranheza’

Em nenhuma das livrarias de Brasília que fui, eu achei algum livro interativo que fosse igual a este projeto, nem nas seções de livros de turismo e guias de cidades, que pudesse servir para uma análise de concorrente direto.

4.3 KERI SMITH

Keri Smith é uma artista conceitual canadense e uma das autoras mais famosas de livros interativos. Criadora do livro Destrua Este Diário (tradução do título Wreck This Jour-

nal), que integra a lista dos mais vendidos de não-ficção de 2015⁶, e vários outros, como Isto Não É Um Livro e Termine Este Livro, que já foram traduzidos para o português.

Além dos livros, há três aplicativos para dispositivos móveis baseados nos livros da autora. Um é baseado no best-seller Destrua Este Diário, chamado Wreck This App (Destrua Este Aplicativo, em uma tradução livre), o segundo é baseado no livro Não É Um Livro, chamado This Is Not An App (Isto Não É Um Aplicativo, em uma tradução livre) disponibilizados para sistemas operacionais Android e IOS, com última atualização em 2013, os aplicativos convidam a estimular a criatividade do usuário no dia-a-dia propondo tarefas abertas a interpretações e com a possibilidade de compartilhar os resultados no Facebook, Flickr, Instagram e Tumblr. O terceiro é baseado no livro The PocketScavenger, e tem o mesmo nome. O aplicativo propõe uma lista de itens que o usuário deve achar durante para seu dia-a-dia e fotografar, por exemplo 'um envelope usado', ou 'algo do ano em que o usuário nasceu', com a possibilidade de ter alguma alteração na foto gerada aleatoriamente pelo aplicativo, como 'fotografe este item a noite' ou 'desenhe um personagem engraçado'. O usuário pode compartilhar o local em que encontrou os itens com os outros usuários do aplicativo, ver o mapa dos outros e compartilhar seus resultados no Instagram, Tumblr, Facebook e Twitter. Também disponível para sistemas operacionais Android e IOS, este aplicativo ganhou o prêmio de melhor aplicativo de não-ficção adulto Digital Book Awards em 2014.

Keri Smith também ministra workshops sobre criatividade baseados em seus livros e é professora na Emily Carr University of Art and Design, em Vancouver no Canadá, onde leciona sobre ilustração conceitual. Já produziu diversas instalações artísticas e trabalha como ilustradora freelancer.

Seus livros e trabalhos como artista serviram de inspiração para este projeto.

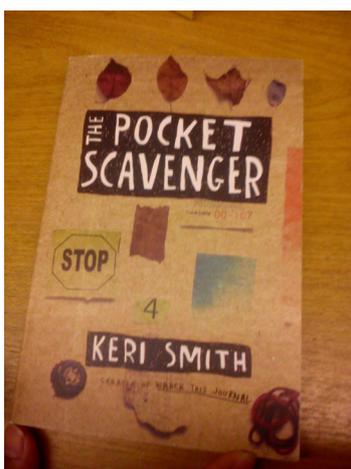


Figura 18 - Livro The Pocket Scavenger, Keri Smith



Figura 19 - Livro The Pocket Scavenger, por dentro

6 Para ler a lista dos livros mais vendidos de 2015 acesse <http://www.publishnews.com.br/ranking/anual/13/2015/0/0>

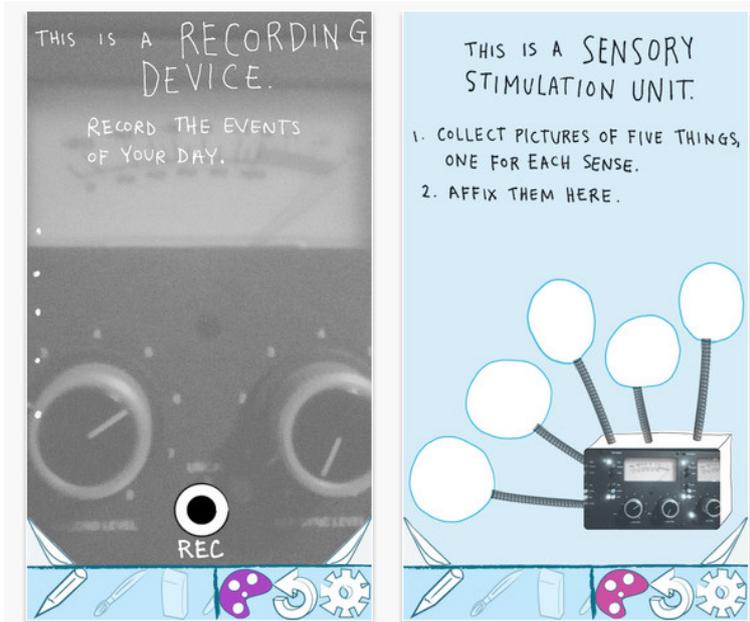


Figura 20 - Telas do aplicativo This is not an app

4.4 ANÁLISE DO LIVRO 'ISTO NÃO É UM LIVRO'

- Título curioso
- Começa com uma instrução/apresentação para o leitor/usuário
- Tom informal
- 9 tipografias diferentes ao longo do livro (maioria manuscrito)
- Cada página parece ter sido feita separadamente, mas tudo junto faz sentido
- Ausência de grid (aparentemente)
- Uso de fotos (preto e branco, azuladas)
- As vezes inverte o sentido do livro (cabeça para baixo, horizontal)
- Desenhos simples e com aparência de feitos a mão
- Desenhos nas fotos também
- Texturas visuais
- Bom espaço para a intervenção do usuário/leitor

Ações - 106 ações ao todo

(Qual ação/número de vezes que se repete. Obs.: as vezes uma ação se encaixa em mais de uma categoria)

1. Carregar livro consigo = 2 vezes
2. Escrever/desenhar= 53 vezes
3. Arrancar a página= 2 vezes
4. Disfarçar o livro de outra coisa= 1 vez
5. “Brincar” com o livro= 12 vezes
6. Colar algo no livro= 6 vezes
7. Apoiar algo no livro= 3 vezes
8. Instruções para serem realizadas dentro do livro= 4 vezes

9. Cortar e usar o recorte= 19 vezes
10. Encontrar coisas de uma lista=1 vez
11. Propõe um método estranho de fazer algo que seria simples= 1vez
12. Enviar/entregar algo para um amigo= 3 vezes
13. Deixar o livro em local público= 1 vez
14. Instruções para serem realizadas na página= 7 vezes
15. Cobrir uma página com outra página= 1 vez
16. Instruções para serem realizadas fora do livro= 15 vezes
17. Interação digital= 1 vez
18. Sujar a página com algo= 2 vezes
19. Um enigma, ver a resposta digitalmente= 3 vezes
20. Caça palavras= 1 vez

Missões com vários níveis de engajamento e dificuldade, mas nada muito difícil de realizar.

Quando a proposta é muito estranha, a autora dá uma ideia ou exemplo para ajudar.

4.5 ANÁLISE “WRECK THIS JOURNAL – EVERYWHERE” (DESTRUA ESTE DIÁRIO - EM TODO LUGAR, TRADUÇÃO LIVRE)

- Formato pequeno (altura: 15,6, largura: 10,5), porque é uma versão “outdoor”, para ser usado enquanto a pessoa “está no mundo”
 - Introdução e explicação inicial sobre o livro
 - Dedicatória
 - Lista de “materiais” que o leitor/usuário poderá usar no livro
 - Não tem foto, apenas escrita e desenhos simples com aparência de feitos a mão
 - Mistura de tipografias, 11 diferentes
 - Ausência de grid
 - O miolo do livro não é colorido
 - Texturas em alguns desenhos e fontes (meio como grafite ou carvão)
 - Cor só na capa, e pouco

Ações – 65 ao todo

(Qual ação/número de vezes que se repete. Obs.: as vezes uma ação se encaixa em mais de uma categoria)

1. Escrever/ desenhar = 18 vezes
2. Carregar livro consigo = 1 vez
3. Colar coisas = 9 vezes
4. Marcar quando vê algo = 2 vezes
5. Método livre de destruir = 8 vezes
6. Sujar a página = 8 vezes

7. Deixar cair chuva= 1 vez
8. Arrancar/ cortar a página e usar para algo= 5 vezes
9. “Brincar” com o livro =7 vezes
10. Carimbar a página = 1 vez
11. Instrução fora do livro = 1 vez
12. Instruções na página = 4 vezes
13. Proposta com outras pessoas = 3 vezes

5 ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES DE BRASÍLIA

5.1 POESIA DE NICOLAS BEHR SOBRE BRASÍLIA

O poeta nasceu em Cuiabá mas mora em Brasília desde 1974, e fez da cidade uma de suas fontes de inspiração. Sua poesia no livro *Braxília Revisitada* é direta e aborda vários temas sobre a cidade, uma reinterpretação e recriação da cidade com as palavras.

A cidade é isso	Cidade inventada?
Mesmo que você	Inventa outra!
Está vendo mesmo	
Que você não	O psicólogo o sociólogo
Esteja vendo nada	O antropólogo explicam
	Brasília
Eixos que se cruzam	Eu não entendo
Pessoas que não se encontram	Eu gosto
Não ficará carimbo	Brasília
Sobre carimbo	Não envelheceu
E carimbo sobre carimbo	Abrasileirou-se
Reconstruiremos a cidade	
Sem carimbos	
Ilha cercada de goiás	
Por todos os lados	
Nós, os goianos do quadrado	

5.2 ANDAR PELA CIDADE

Pessoalmente, eu não tinha uma ligação com Brasília, até os 19 anos de idade morei em uma cidade satélite e frequentava pouco o 'plano piloto', ao mudar para a Asa Sul comecei a enxergar a cidade de forma diferente, e após começar as pesquisas para este projeto, fui me apaixonando gradualmente pela cidade. E para a pesquisa do livro decidi andar pela cidade, atenta aos detalhes que a correria do dia a dia não deixa a gente perceber, andei por algumas entrecruzas da asa sul, sem um objetivo específico, apenas aproveitando o passeio e tentando achar detalhes da cidade que não via antes. Para gerar inspiração do conteúdo do livro.

Percebi que a área residencial se assemelha muito com uma cidade pequena, as entrecruzas são bem arborizadas e tem muitas frutas, há uma banca de revistas em quase todas

as quadras, a maioria ainda funciona e atrai jogadores de dominó para sua porta, algumas quadras tem vendedores de frutas com suas banquinhas improvisadas pela manhã, muitas pessoas fazem caminhada ou passeiam com seus cachorros no fim da tarde. Tudo isso favorece a sensação de segurança que Brasília traz.



Figura 21 (acima) Senhores reunidos em frente a banca de revistas jogando dominó



Figura 22 (a direita) Parte da ciclovia na quadra 204 sul

6 LIVRO OBJETO

Livro

Substantivo masculino.

1. Reunião de folhas ou cadernos, cosidos ou por qualquer outra forma presos por um dos lados, e enfeixados ou montados em capa flexível ou rígida.
2. Obra literária, científica ou artística publicada em forma de livro (1).
3. Registro para certos tipos de anotações, sobretudo comerciais.
(FERREIRA, 2001, p430)

Objeto

Substantivo masculino.

1. Tudo que é perceptível por qualquer dos sentidos.
2. Coisa, peça, artigo de compra e venda.
3. Matéria, assunto.
4. Agente; motivo, causa.
5. V. alvo (5)
6. Inform. Qualquer elemento apresentado por programa na tela do computador, e que

cumprir função de interação com o usuário.

(op. cit., p492/493)

O livro-objeto, também conhecido como livro de artista, força, propositalmente, os limites entre o que é considerado livro e o que é considerado obra de arte. Este tipo de publicação não se prende aos padrões dos livros comuns baseados em texto, dando liberdade total ao artista/autor, o que torna o livro-objeto único, e geralmente não produzido em larga escala. Eles requerem um tipo de leitura diferente, não só textual, pois um livro-objeto pode não ter texto algum, mas também ser visual, tátil e sensorial. Instiga o leitor a interpretar a obra/livro de uma outra forma, estabelecendo novas emoções e conexões, também abre espaço para a participação do leitor neste processo. Os livros-objeto foram inspiração para o projeto.

(...) o termo livro de artista(...), inclui a categoria livre-jeu, livros objetos, flip book, pop-up, foreedge. Porque todos se mesclam a práticas de vanguarda que tentam valorizar a manipulação experimental das linguagens – textuais, visuais, táteis, sonoras, olfativas(...)

(PAIVA, 2010, p 91)

7 PROJETO GRÁFICO

7.1 TAMANHO

Depois de algumas considerações e testes, o tamanho escolhido para o livro é 12 cm por 16,5 cm. É um formato que se assemelha a alguns sketchbooks e é muito prático de carregar, facilitando para o leitor/usuário.

7.2 COR

A paleta de cores foi inspirada nas cores predominantes quando observamos a cidade como um todo. Azul do céu icônico e do lago Paranoá, verde das árvores da cidade-jardim, laranja em um tom mais fechado e o vermelho quase marrom, representam a terra avermelhada do cerrado, e, por fim, cinza dos prédios e monumentos de Brasília.



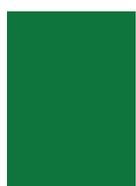
C = 97
M = 70
Y = 45
K = 38



C = 80
M = 35
Y = 10
K = 0



C = 0
M = 0
Y = 0
K = 35



C = 88
M = 30
Y = 100
K = 20



C = 10
M = 95
Y = 100
K = 0



C = 35
M = 100
Y = 100
K = 45

7.3 TIPOGRAFIA

Pré-requisitos para a escolha de tipografia para este projeto:

- Estilo 'escrito à mão'
- Irregular
- Combinar harmonicamente com outras fontes diferentes
- Pode ter texturas
- Não precisa ter vários pesos
- Pode ser tanto cursiva quanto caixa alta
- Não precisa ter vários pesos
- Não precisa ter todos os acentos

Como o livro vai ter a intervenção dos leitores/usuários, e não tenho como prever como vai ser essa intervenção (por exemplo, tipo de letra que a pessoa escreve, se prefere escrever alinhado ou não, entre outros) o uso de fontes diferentes, sem grid, e com estética feito à mão foi a solução mais adequada para a situação, fazendo com que, na medida do possível, a letra e intervenção do leitor/usuário componha e combine com o projeto gráfico do livro. As fontes usadas não precisam, necessariamente, ter vários pesos, nem todos os acentos, justamente por que será usado várias fontes diferentes em conjunto, se uma não tiver o acento para alguma palavra que será usada no texto, poderá ser substituída por outra fonte sem causar problemas para a harmonia do projeto gráfico do livro.

7.4 CONTEÚDO

O conteúdo do livro será composto de:

- Propostas de ações, cada uma incentivará o leitor/usuário a interagir com um local/monumento da cidade e com o livro
 - Trechos de falas de algumas pessoas importantes para a história de Brasília, como Lúcio Costa, JK e Niemeyer.
 - Curiosidades
 - Poemas relacionados com a cidade
 - Trechos de músicas relacionadas com o tema
 - Fotos da época da construção
 - Imagens de Diários Oficiais da União, onde foram publicadas decisões importantes para a criação e construção de Brasília
 - Fatos históricos

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste projeto fui sentindo que meus laços com a cidade foram se estreitando quando eu percebia a cidade de uma ótica diferente do trajeto universidade-estágio-casa e quando eu entendi mais sobre sua história também. Gerar esse tipo de sentimento foi um dos objetivos deste projeto desde o começo, pois quando as pessoas se sentem ligadas e tem sentimento de pertencimento à um lugar, elas irão cuidar dele. É possível pensar em desdobramentos deste projeto para outras cidades e outras mídias, como um aplicativo para dispositivos móveis ou parcerias com outros projetos que queiram promover os mesmos valores.



9 BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Theodoro Figueira de. **Brasília, a cidade histórica das Américas**. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1960.

AMADOR, João Gabriel. "**Saiba Como Os Ipês Que Colorem Brasília São Plantados E Cultivados**". Correio Braziliense online. 15 de agosto, 2015. <http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/especiais/brasiliacapitaldoipe/2015/08/15/especial-brasilia-capital-do-ipe-2015-noticia,494674/saiba-como-os-ipes-que-colorem-brasilia-sao-plantados-e-cultivados.shtml>. Internet. Acessado: 4 de maio de 2016.

BEHR, Nicolas. **Braxília revisitada**. Brasília: Lge Editora, 2004.

BEÚ, Edson. **Expresso Brasília: a história contada pelos candangos**. Brasília: Editora Unb, 2012

CONSTITUIÇÃO DE 1891 - Publicação Original - Portal Câmara Dos Deputados. [Www2.camara.leg.br](http://www2.camara.leg.br). N.p. Internet. Acessado dia: 4 de maio de 2016.

CONSTITUIÇÃO. ADCT DE 1946 - Publicação Original - Portal Câmara Dos Deputados. [Www2.camara.leg.br](http://www2.camara.leg.br). N.p., 2016. Internet. Acessado dia: 10 de maio de 2016.

COSTA, Lucio. **Relatório do plano piloto de Brasília: Brasília, cidade que inventei**. Brasília: ArPDF; Codeplan;DePHA,1991.

COUTO, João Gilberto Parenti. **A mensagem codificada sobre o Brasil nas profecias de Dom Bosco: e outros temas brasileiros e sul-americanos**. 3. ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2009

CRULS, Luis. **Relatório da Comissão Exploradora do Planalto Central: Relatório Cruls**, 6ª ed. Brasília: CODEPLAN, 1995.

DANGER, Eric P. **A Cor na Comunicação**. Brasil: Fórum, 1973.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio século XXI escolar: o minidicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2001.

GUIMARÃES, Luciano. **A cor como informação: a construção biofísica, linguística e cultural da simbologia das cores**. Brasil: Annablume, 2001.

KERN, Iara e Ernani Filgueiras Pimentel. **Brasília secreta: Enigma do Antigo Egito**.

Brasília: Pórtico Editora, 2000.

KUBITSCHKEK, Juscelino. **Por que construí Brasília**. Rio de Janeiro: Edições Bloch, 1975.

Lista De Mais Vendidos De Não Ficção De 2015 . Publishnews, 2016. <http://www.publishnews.com.br/ranking/anual/13/2015/0/0>. Internet. Acessado dia: 26 de maio de 2016.

PAIVA, Ana Paula Mathias de. **A Aventura do Livro Experimental**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

PESSOA, Marechal José. **Declaração do presidente da Comissão de localização da Nova Capital Federal sobre o planejamento do futuro Distrito Federal**. Boletim Geográfico, 1955.

SERVIÇO DE DOCUMENTAÇÃO DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA (ORG.). **Brasília: história de uma ideia**. Rio de Janeiro, 1960.

SMITH, Keri. www.kerismith.com, 2016. Internet. Acessado dia: 26 de maio de 2016.

VIDAL, Laurent. **De Nova Lisboa a Brasília: a invenção de uma capital (séculos XIX-XX)**, Brasília, 2009